



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DE LONDRINA

THAINÃ ELOÁ SILVA DIONÍSIO

**CARACTERIZAÇÃO DA BINEGATIVIDADE NA
COMUNIDADE LGBTI+**

Londrina
2021

THAINÃ ELOÁ SILVA DIONÍSIO

**CARACTERIZAÇÃO DA BINEGATIVIDADE NA
COMUNIDADE LGBTI+**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

Orientador: Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo

Londrina
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

T364 Dionísio, Thainã Eloá Silva.

Caracterização da Binegatividade na Comunidade LGBTI+ / Thainã Eloá Silva
Dionísio. - Londrina, 2021.

57 f. : il.

Orientador: Alex Eduardo Gallo.

Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, 2021.

Inclui bibliografia.

1. Bissexualidade - Tese. 2. Violência - Tese. 3. Análise do Comportamento - Tese. 4. Psicologia - Tese. I. Gallo, Alex Eduardo . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Ciências Biológicas. Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento. III. Título.

CDU 159.9

THAINÃ ELOÁ SILVA DIONÍSIO

**CARACTERIZAÇÃO DA BINEGATIVIDADE NA
COMUNIDADE LGBTI+**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Análise do Comportamento, do Departamento de Psicologia Geral e Análise do Comportamento, da Universidade Estadual de Londrina como parte dos requisitos à obtenção do título de Mestre em Análise do Comportamento.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Alex Eduardo Gallo
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Camila Muchon de Melo
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dra. Luana Pagano Peres Molina
Universidade Estadual do Oeste do Paraná -
UNIOESTE

Londrina, 24 de agosto de 2021

Dionísio, T. E. S. (2021). **Caracterização da Binegatividade na comunidade LGBTI+**. Dissertação de Mestrado. 57 f. Programa de Mestrado em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina – PR.

RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a caracterização da binegatividade na comunidade LGBTI+. O termo se refere ao preconceito, apagamento ou violência sofrida por bissexuais devido à sua orientação sexual, e pode apresentar características funcionais e topográficas específicas quando tais comportamentos são emitidos por indivíduos não heterossexuais. A literatura existente aponta para consequências de peso social na saúde mental dos indivíduos que são vítimas de preconceito, como desenvolvimento de psicopatologias, sentimentos de solidão e tendências ao isolamento social, bem como comportamentos suicidas. Com o objetivo de averiguar e caracterizar os comportamentos binegativos reproduzidos pela comunidade LGBTI+ sob a ótica analítico comportamental, o presente trabalho foi realizado em dois estudos. O Estudo 1 foi a aplicação da Escala de Bifobia Revisada com indivíduos autodeclaradamente LGBTI+ para identificar possíveis comportamento verbais binegativos relacionados a outros comportamentos manifestados pela comunidade LGBTI+ de uma cidade do interior do Paraná. A aplicação da escala foi feita por uma plataforma online de formulários virtuais, visando maior alcance de participantes. Para a análise de dados, foi realizada análise estatística dos dados obtidos a fim de averiguar a prevalência de itens selecionados na escala, com delineamento de natureza quantitativa. O Estudo 2 foi realizado exclusivamente com indivíduos autodeclaradamente bissexuais, tendo por instrumento entrevista semiestruturada realizada presencialmente, a fim de averiguar, por meio de relato verbal, possíveis violências sofridas e identificadas pelos participantes. As entrevistas foram gravadas, e os dados coletados foram analisados com a metodologia de Análise de Conteúdo. A maior compreensão do fenômeno abre portas para a criação de caminhos de prevenção e intervenção analítico comportamentais, com potencialidade de transformações em âmbito social duradouras e adequadas.

Palavras-chave: bissexualidade; bifobia; binegatividade; preconceito; LGBT; gênero.

Dionísio, T. E. S. (2021). **Characterization of Binegativity in the LGBTI+ community.** Masters dissertation. 57 p. Masters Program of Behavior Analysis, State University of Londrina – PR.

ABSTRACT

This research aims to characterize binegativity in the LGBTI+ community. The term refers to prejudice, invisibility or violence suffered by bisexuals due to their sexual orientation, and can present specific functional and topographic characteristics when such behaviors are presented by non-heterosexual individuals. Nowadays literature points to social consequences at the mental health of bisexuals, like development of psychopathologies, feelings of loneliness and tendencies to social distancing, as well as suicidal behaviors. Aiming to characterize and verify binegative behaviors reproduced by the LGBTI+ community with a behavioral approach, the research consists of two studies. Study 1 was the application of Revised Binegativity Scale with self-declared LGBTI+ individuals, to identify possible binegativity verbal behaviors related to other behaviors manifested by the LGBTI+ community in a city of the state of Paraná, Brazil. The application of the scale was made via an online platform of questionnaires, aiming to reach a bigger amount of participants. To the data analysis, a statistical analysis was made to verify the prevalence of the items selected by the participants, in a quantitative analysis. Study 2 was conducted exclusively with self-declared bisexuals, via a semistructured interview in loco, to verify the verbal report of possible suffered violence identified by the participants. The interviews were recorded, and the collected data was analysed with the methodology of Content Analysis. A broader comprehension of this phenomenon can open doors to behavioral prevention and intervention, with potentiality to act in social instances in a durable and adequate way.

Key words: bisexuality; biphobia; binegativity; prejudice; LGBT; gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	15
Figura 2	16
Figura 3	16
Figura 4	17
Figura 5	18

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	19
Quadro 2	24
Quadro 3	26

SUMÁRIO

Introdução	01
Objetivo	09
Objetivos Específicos	09
Estudo 1	10
Objetivos	10
Instrumento	10
Participantes	13
Local	13
Materiais	13
Procedimento	13
Resultados	15
Discussão	18
Estudo 2	23
Instrumento	23
Local	23
Materiais	23
Participantes	23
Procedimento	24
Resultados	25
Discussão	26
Considerações Finais	38
Referências	39
Apêndice A	45
Apêndice B	47
Apêndice C	49
Apêndice D	51
Apêndice E	53

Introdução

Ao observar a ocorrência de comportamentos preconceituosos, assim como a de quaisquer outros comportamentos, é importante que se ressalte que estes são fruto da história dos indivíduos, logo, não surgem de um agente interno ou já são manifestados de forma completa e despropositada – há um processo de condicionamento e modelagem constante envolvido (Skinner, 1953). Se determinados comportamentos ou conjunto de comportamentos são selecionados e continuam sendo reproduzidos, pode-se afirmar que contingências de reforço estão ocorrendo, reforço este que pode ser tanto negativo quanto positivo.

No caso da seleção de comportamentos preconceituosos, Mizael (2017) aponta que um dos mantenedores sociais destes são os estereótipos. Eagly e Mladinic (1989) definem o conceito de estereótipos como um conjunto de características específicas, dentre elas culturais e físicas, de um determinado grupo social.

A seleção de comportamentos preconceituosos, considerando que estereótipos podem ser variáveis descritivas importantes, pode ocorrer por diversos fatores. Um deles é o estabelecimento de determinados comportamentos ou características físicas como normais, e quaisquer outras como anormais ou patológicas (Eagly e Mladinic, 1989). No caso de um sistema de opressão, como por exemplo o racismo em território brasileiro que tem raízes históricas na colonização realizada por Portugal e a imposição de um novo sistema religioso, a norma é tida na característica física de pele menos melanizada. Isto indica que pessoas com pele mais retinta são enquadradas em um grupo marginalizado, bem como com as próprias práticas sociais daquele grupo, como por exemplo práticas religiosas que são estigmatizadas com características malignas ou inaceitáveis, e os indivíduos como criaturas sem alma e animais (de Amorim, 2011).

Outro grupo estigmatizado na cultura brasileira é a população LGBTI+.¹ O acrônimo se refere às populações de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexo e demais orientações sexuais e identidades de gênero², representadas pelo símbolo “+”. Os três primeiros termos são referentes à orientação sexual, enquanto os dois últimos, à identidade de gênero. No caso de “L” e “G”, referem-se em ordem a mulheres que têm orientação sexual e afetiva a mulheres, e homens que têm orientação sexual e afetiva a homens. Na letra “T” são representados indivíduos cuja identidade de gênero não é a mesma que a estabelecida socialmente de acordo com a genitália masculina ou feminina (travestis e transexuais são representados pela letra T). Já a letra “I” representa indivíduos que nascem com as genitálias em não conformidade com as características tidas como masculinas ou femininas ou variação cromossômica dos genes sexuais (variação fora da binaridade XX ou XY) (Devides, 2018).

Falando sobre a população de bissexuais, representada no acrônimo pela letra “B”, algumas definições foram atribuídas em diferentes épocas e contextos ao termo bissexualidade, deste modo uma das concepções válidas pode ser vista como

Amplamente concebido, bissexual significa os meios pelos quais um indivíduo experiencia sensações eróticas, emocionais, e atração sexual à pessoas de mais de um gênero. As últimas podem ser indivíduos que se identifiquem como bissexuais, homossexuais, lésbicas, gays, heterossexuais, pessoas trans, ou podem não escolher qualquer rótulo. Assim, bissexualidade aqui é definida como a capacidade, independente do rótulo escolhido pelos possíveis parceiros, de amar e desejar sexualmente tanto indivíduos do mesmo gênero ou quaisquer outros gêneros (Firestein, 1996, p. 19-20)

Em complementação ao descrito por Firestein, há a presença da definição que descreve a bissexualidade como “o nome adequado para um desejo que não se limita à erotização de um gênero; ou foi descrito como o desejo que não discrimina quaisquer gêneros ou a morfologia do

1 Existem vários acrônimos para a população não heterossexual, como LGBT, LGBTI, LGBTTTQIA+. Neste estudo foi optado pelo uso de LGBTI+ por ser uma forma amplamente utilizada por diversos grupos envolvidos com as discussões desta população.

2 Além de Cisgênero e Transgênero, existem várias outras identidades que ainda são debatidas, como pessoas agênero (que não se identificam com nenhum gênero), gênero fluido (que se sentem confortáveis de uma forma fluida com diferentes gêneros), dentre outras nomenclaturas.

corpo sexuado”³ (Klesse, 2011, p. 230). Em termos mais concisos, também pode ser dito que se trata da atração afetiva e sexual a dois ou mais gêneros humanos (Kinsey, Pomeroy, & Martin, 1948).

O preconceito contra a população LGBTI+ é coloquialmente referenciado com o termo homofobia, que diz respeito às classes de comportamentos violentos contra pessoas não heterossexuais, justamente por não serem heterossexuais (Fazzano & Gallo, 2015), podendo ocorrer na forma de violências verbais, patrimoniais, sexuais, psicológicas ou físicas. No entanto, tais agressões podem apresentar características distintas quando cometidas contra determinados grupos ou indivíduos. Um homem gay sofre violências diferentes das sofridas por uma mulher lésbica, e ambos sofrem agressões diferentes das pessoas bissexuais, o que abre espaço para que outras análises sejam realizadas, assim como novos conceitos sejam apresentados e explorados.

Há discussões acerca do uso de termos que terminem em “fobia” (homofobia, bifobia, transfobia), uma vez que este sufixo é comumente utilizado na área médica e remete à ideia de patologia (como por exemplo, agorafobia). Isto daria margem para explicações do preconceito contra essas populações pautadas em doenças psicopatológicas e não como comportamento social selecionado e mantido por diversos indivíduos, independentemente da ocorrência de doenças (Fazzano & Gallo, 2015). Isso pode ainda imputar aos indivíduos homossexuais a “culpa” de a homofobia ocorrer, ou culpabilizar apenas indivíduos específicos acerca de práticas preconceituosas, dificultando a análise do fenômeno como prática social. Para evitar tais complicações, um termo sugerido na literatura é “preconceito contra diversidade sexual”, ou termos específicos para cada população quando não se trata de uma análise sobre o preconceito contra toda a população LGBTI+ (Costa & Nardi, 2015).

O nome dado ao preconceito específico contra bissexuais é coloquialmente chamado de bifobia, porém, devido às questões conceituais supracitadas, um termo mais adequado sugerido

3 [. . .] the proper name for a desire that does not limit itself to the eroticization of one gender; or it has been described as desire that does not discriminate in terms of either gender or the morphology of the sexed body (Klesse, 2011, p. 230)

academicamente é binegatividade (Klesse, 2011). Esta é caracterizada como o preconceito, violência ou apagamento sofrido por indivíduos bissexuais devido à sua orientação sexual (de Bruin & Arndt, 2010).

Além da relação com o estereótipo, outro fato apresentado na literatura que pode ser uma variável para a manutenção de comportamentos binegativos é o monossexismo, ou seja, a imposição social de que indivíduos devem ter a orientação sexual e afetiva voltada exclusivamente a um gênero (Klesse, 2011). Neste caso, tem-se como aceitável uma mulher se relacionar com outra mulher, ou um homem se relacionar com outro homem, desde que se relacionem exclusivamente com estes gêneros, sem se envolver com nenhum outro. Tais comportamentos preconceituosos podem ser explicados à luz do conceito de punição, que apresenta um efeito imediato na redução da probabilidade de um comportamento ocorrer (Skinner, 1953).

De acordo com Sidman (1989), punição pode ser utilizada devido a seus efeitos de supressão de comportamentos indesejados. Comportamentos que fogem daquilo que é descrito como heterossexual ou monossexual – interações com indivíduos do mesmo gênero, e interações sexuais ou afetivas com dois ou mais gêneros – em uma sociedade tipicamente heteronormativa e monossexista se enquadrariam como comportamento indesejáveis, e assim, passíveis de punição.

Algumas das consequências da punição são o desenvolvimento de repertórios de comportamentos coercitivos em outros indivíduos, além de repertórios de fuga, esquiva, e comprometimento para a saúde psicológica dos indivíduos (Sidman, 1989).

Em relação à saúde psicológica, Craney, Watson, Brownfield & Flores (2018) apontam que violências específicas sofridas por pessoas bissexuais, como apagamento ou invisibilização da identidade sexual e discriminação antibissexual, podem ter impactos consideráveis para a saúde psicológica desta parcela da população, podendo ser variáveis importantes para o desenvolvimento de psicopatologias. Os autores também apontam que mulheres bissexuais podem ser mais vulneráveis do que homens bissexuais devido a estruturas sociais machistas, que somam mais um

tipo de opressão sofrida por estas. Scherrer (2013) também reforça que, de forma geral, pessoas bissexuais tendem a sofrer mais em relação à saúde psicológica em comparação a heterossexuais, gays e lésbicas.

Algumas destas psicopatologias que podem ser desenvolvidas são: depressão; taxa maior em relação a heterossexuais, lésbicas e gays de transtornos de ansiedade, transtorno depressivo e de ideação suicida superior a de gays e lésbicas; desenvolvimento de sintomas de Transtorno do Estresse Pós Traumático (Sarno & Wright, 2013; Scherrer, 2013). Os mesmos autores também apontam que sentimentos como rejeição e solidão são frequentes nesta população, já que por muitas vezes são duplamente violentados e invisibilizados, tanto pela maioria cisheterossexual, quanto pela comunidade LGBTI+, a qual, em tese, deveria ser um local de acolhimento e validação.

Também vale destacar que as topografias das violências variam consideravelmente, as quais devem ser levadas em consideração para que possíveis ocorrências de comportamentos violentos não passem despercebidas nas análises. Pierce, Carew, Pierce-Gonzalez & Willis (1978) apresentam o conceito de microagressões, que pode ser compreendido como agressões sutis, geralmente não verbais e automáticas, reproduzidas cotidianamente pelos indivíduos de uma dada cultura não apenas no contato face a face, mas também pelas vias midiáticas, que acabam exercendo papel de manutenção e ensino destas práticas. O conceito foi apresentado para descrever episódios recorrentes de racismo, e foi utilizado por Flanders, LeBreton & Robinson (2017) para descrever episódios de violência contra indivíduos bissexuais que também se encaixam na descrição de microagressão, e que antes não eram compreendidos no escopo da violência.

Tipicamente, é assumido que apenas indivíduos heterossexuais apresentam comportamentos preconceituosos contra a população não heterossexual. Entretanto, estes comportamentos também podem ser emitidos por indivíduos que se identificam como LGBTI+ contra indivíduos desta mesma comunidade, o que pode potencializar as consequências já descritas no caso de bissexuais, principalmente solidão e sentimentos de rejeição (Klesse, 2011; Scherrer, 2013; Roberts, Horne, &

Hoyt, 2015). De Capua (2017) discorre sobre como alguns destes comportamentos tornaram-se acentuados com o advento das lutas por direitos da população LGBTI+ na segunda metade do século XX, dado que a aparente “indecisão” destas pessoas começou a ser interpretada com uma traição do movimento por gays e lésbicas.

No estudo de Sarno e Wright (2013) discute-se sobre agressões de gays e lésbicas contra bissexuais devido à orientação sexual destes, e um dos pontos abordados é que, segundo os autores, a bissexualidade não é inteiramente heterossexual ou homossexual, o que exclui os indivíduos destes dois grandes grupos, e cada grupo os exclui de formas distintas. Um exemplo de comportamentos emitidos pelos pares LGBTI+ contra bissexuais são verbalizações violentas, algumas das quais sendo específicas desta população, não sendo geralmente emitidas por indivíduos heterossexuais e cisgênero. Outro seria “você está traindo o nosso movimento por ficar também com pessoas do gênero oposto”, ou “eu não me relaciono com alguém que fica com hétero”, frases que fazem sentido dentro da comunidade, e que acabam não sendo pronunciadas por indivíduos cisheterossexuais.

A literatura internacional apresenta adjetivos utilizados por indivíduos da comunidade LGBTI+ para caracterizar pessoas bissexuais, sendo alguns exemplos: infiéis, promíscuas, imorais, indecisas quanto a serem de fato heterossexuais ou homossexuais, portadoras de infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e covardes (Alarie & Gaudet, 2013; Cox, Bimbi, & Parsons, 2013; DeCapua, 2017). Tais autores ainda dizem que homens e mulheres bissexuais podem sofrer de diferentes formas, sendo que homens tendem a ser “forçados” a se assumirem gays, enquanto mulheres são vistas como heterossexuais que querem apenas se “divertir” com outras mulheres, além de ainda sofrerem maior fetichização por parte de homens, inclusive bissexuais, devido à recortes de gênero e presença de atitudes machistas. Alarie e Gaudet (2013) ainda ressaltam que muitas vezes, nenhuma destas topografias de violência são observadas. A hipótese das autoras é que a

bissexualidade em si é essencialmente ignorada por pessoas da comunidade LGBTI+, sendo assim uma forma de apagamento e invisibilização.

Dado este contexto, pode-se averiguar que existem similaridades na função de vários comportamentos topograficamente diferentes, e devido a isto, é possível que quatro categorias de análise sejam definidas: Apagamento/Deslegitimação, Fetichização, Promiscuidade e Rejeição.

Apagamento/Deslegitimação diz respeito a situações em que a existência da bissexualidade, como orientação sexual válida, é questionada ou desconsiderada; Fetichização contempla situações em que os indivíduos bissexuais são objetificados devido à orientação sexual; Promiscuidade descreve a concepção reproduzida de que indivíduos bissexuais são promíscuos devido a sua orientação sexual; Rejeição retrata momentos em que os indivíduos são rejeitados em interações sexuais/românticas devido à orientação sexual. A identificação destas categorias é embasada principalmente nos estudos de Klesse (2011) e Scherrer (2013). Os autores descrevem tais categorias como sendo presentes de forma generalizada nas falas de pessoas que se identificam como LGBTI+ quando estas se referem pejorativamente à indivíduos bissexuais.

Podemos então afirmar que existem particularidades nas práticas binegativas dependendo do grupo social que a pratica. É possível, segundo a literatura apresentada, identificar algumas destas diferenças em dois grandes grupos: indivíduos heterossexuais e cisgênero, e indivíduos LGBTI+. Devido a isto, é pertinente que pesquisas focando em grupos diferentes de perpetradores sejam realizadas, para averiguar se as mesmas diferenças são observáveis em outras culturas, além de observar-se futuramente se há consequências diferentes para a população vitimizada caso de fato sofra violências diferentes de diversos grupos. Devido a isto, optou-se por explorar mais a fundo este fenômeno quando praticado pela própria comunidade LGBTI+.

A Análise do Comportamento ainda apresenta poucos estudos dentro da área da sexualidade humana (Mizael, 2018; Fazzano, Mena, Dionísio, & Gallo, 2020), porém Skinner (1974) aponta a

possibilidade que esta tem de ser uma via diferente de compreensão e intervenção em uma multiplicidade de fenômenos

Os grandes problemas do mundo atualmente podem ser resolvidos apenas se aprimorarmos nosso conhecimento do comportamento humano. Visões tradicionais estão em circulação há séculos, e acho que é justo dizer que elas se provaram inadequadas. Elas são largamente responsáveis pela situação em que nos encontramos atualmente. O Behaviorismo oferece uma alternativa promissora [. . .]⁴ (Skinner, 1974, p. 8-9).

Considerando que há relevância social de se compreender o fenômeno e a escassa produção analítico comportamental voltada para esta população (Mizael, 2018; Fazzano, Mena, Dionísio, & Gallo, 2020), este trabalho pretende contribuir para a formulação de uma compreensão da violência contra indivíduos bissexuais, possivelmente fomentando maiores discussões e elaboração de intervenções por parte da comunidade científica.

4 The major problems facing the world today can be solved only if we improve our understanding of human behavior. Traditional views have been around for centuries, and I think it is fair to say that they have proved to be inadequate. They are largely responsible for the situation in which we now find ourselves. Behaviorism offers promising alternative [. . .] (Skinner, 1974)

Objetivo

O objetivo da presente pesquisa foi averiguar a ocorrência de comportamentos binegativos reproduzidos por indivíduos LGBTI+, e analisá-los de uma perspectiva analítico comportamental.

Objetivos Específicos

- Averiguar possível ocorrência de comportamentos preconceituosos contra bissexuais, por parte de outros indivíduos LGBTI+ em uma cidade do interior do Paraná;
- Averiguar os comportamentos verbais relacionados à binegatividade à partir da coleta de dados, tanto com a aplicação de uma escala (Estudo 1), quanto com a realização de entrevistas (Estudo 2);
- Formular hipóteses funcionais para os comportamentos averiguados à partir das alternativas selecionados no Estudo 1 e falas dos participantes no Estudo 2, e literatura existente.

O trabalho foi realizado a partir de dois estudos diferentes, com características metodológicas distintas e participantes específicos. O Estudo 1 constitui-se da aplicação de questionário sobre comportamentos emitidos em relação a pessoas bissexuais, seguido por análise estatística simples dos dados obtidos. Já o Estudo 2 caracteriza-se por entrevistas realizadas com indivíduos autodeclarados bissexuais. Neste sentido, os próximos capítulos irão discorrer mais detalhadamente sobre os estudos realizados.

Estudo 1

Neste estudo são abordadas algumas características verbais selecionadas pelos participantes que podem refletir os comportamentos dos mesmo em relação a pessoas bissexuais no contexto social. Algumas hipóteses também foram formuladas e discutidas hipóteses para os resultados obtidos de acordo com a frequência de itens selecionados no instrumento aplicado, o gênero dos participantes, grau de escolaridade e orientação sexual autodeclarada.

Objetivos

Este estudo tem por objetivo geral identificar as topografias de comportamentos verbais binegativos manifestados pela comunidade LGBTI+ de Londrina, PR.

Especificamente, objetiva-se identificar e discutir similaridades e diferenças na frequência de assertivas selecionadas pelos participantes, levando-se em conta dados sociodemográficos coletados; discutir os dados obtidos à partir da literatura levantada, avaliando níveis de concordância do que é coletado com o que já foi levantado pela comunidade científica (ocorrência elevada de comportamentos binegativos à partir de indivíduos LGBTI+); avaliar segundo a literatura vigente as respostas dadas na aplicação da escala visando maior compreensão de como a binegatividade é praticada por pessoas LGBTI+.

Instrumento

O instrumento utilizado foi uma adaptação Escala de Bifobia Revisada (Mullick & Wright, 2011) conforme o Apêndice C, adaptada para o português (Apêndice D). Os autores realizaram nos Estados Unidos uma pesquisa em 2002 com a primeira versão desta escala, que era composta por 30 itens em escala Likert de 0 a 5, com o intuito de averiguar a ocorrência de comportamentos preconceituosos contra indivíduos bissexuais. A escala foi aplicada em dois grupos, um com indivíduos heterossexuais e outro com indivíduos homossexuais, e ambos os grupos assinalaram

itens em que concordavam com frases binegativas ou assumiam já ter violentado fisicamente uma pessoa bissexual (Mullick & Wright, 2002)

A escala possui duas versões no original, uma feminina e outra masculina, e a adaptação para o português foi feita sem a diferenciação de gênero, pois tal diferenciação no estudo original foi realizada para averiguar se havia diferenças na binegatividade praticada contra homens bissexuais e mulheres bissexuais devido ao gênero, já tendo sido comprovada a ocorrência da binegatividade nos Estados Unidos. Os autores apresentaram, à partir da coleta de respostas da escala, que a população geral apresentava alta pontuação nos itens relacionados a comportamentos violentos contra indivíduos bissexuais, em destaque contra homens bissexuais.

O intuito da presente pesquisa é averiguar se há a ocorrência da binegatividade entre a população LGBTI+, e caso exista, então novas pesquisas poderiam ser realizadas para averiguar a existência ou não do viés de gênero. A tradução da escala foi submetida à dois juízes comprovadamente fluentes na língua inglesa americana e em português brasileiro, para avaliar o nível de compreensão das perguntas em português e se o sentido semântico dos itens não foi perdido na tradução.

A escala consiste em 48 afirmações, e em cada uma o participante deve selecionar entre “Discordo fortemente” e “Concordo fortemente” através de uma escala que vai de 0 à 5 pontos. Na escala original é realizado um cálculo à partir das respostas para averiguar o score dos participantes, mas esta etapa não será aplicada na presente pesquisa, pois não é intuito classificar os participantes, e sim averiguar o relato verbal deles sobre sua percepção em relação a pessoas bissexuais. Na escala original o cálculo é feito primeiramente com a reversão dos itens 4, 7, 9, 11, 19, 23, 25, 31, 33, e 35. Esta reversão significa que o score atribuído a cada um dos itens supracitados é revertido (caso o participante tenha marcado cinco, em alguma delas, na hora da pontuação o valor atribuído é o oposto, ou seja, zero). Após a reversão, é feita a soma de todos os 48 itens para obtenção do escore total, que pode variar de 0 à 240. Quanto maior o resultado, maior incidência de comportamentos

bifóbicos que o participante apresenta. Na escala há a descrição de diferentes topografias de comportamento, como atribuição de valor (“Pessoas bissexuais são imorais”), falas agressivas “(Eu provooco e faço piadas com pessoas bissexuais)” e violência material ou física (“Já danifiquei a propriedade de uma pessoa bissexual (como arranhar o carro deles com um prego)”); “Eu socaria uma pessoa bissexual que desse em cima de mim”), que apresentam a mesma possibilidade numérica de pontuação, não os diferenciando quanto à sua natureza. A produção científica apresentada anteriormente aponta para as consequências à saúde física e psicológica da binegatividade sofrida, revelando que diversas topografias podem apresentar a mesma função comportamental e podem resultar em consequências similares na população violentada, principalmente no que tange o campo da saúde psicológica, o que justifica a não diferenciação.

Mesmo a escala ainda não sendo validada no Brasil, foi utilizada com o intuito de averiguar a ocorrência de possíveis comportamentos apresentados, e não puramente sua metrificação a fim de quantificar o “índice” de binegatividade dos participantes. O uso de escalas é por vezes criticado pela Análise do Comportamento, entretanto, pode-se coletar dados importantes para futuras análises funcionais através destes, pois as características topográficas dos comportamentos, como, por exemplo, intensidade, também são relevantes para análises funcionais mais completas (Wielewicki, Gallo, & Grossi, 2011).

A escolha desta escala também se dá pela existência de trabalhos que apresentam dados que apontam semelhanças topográficas em afirmações tanto da escala quanto do discurso relatado nos estudos, como afirmações de que indivíduos bissexuais são promíscuos, não são capazes de se manter em relacionamentos monogâmicos, e dificuldade de pessoas que se identificam como bissexuais de serem acolhidas na comunidade LGBTI+ devido à tais violências verbais e mesmo físicas (Matsick & Rubin, 2018).

Participantes

Os participantes foram quaisquer indivíduos maiores de 18 anos da comunidade LGBTI+ de uma cidade do interior do Paraná de médio porte. Foram descartadas as respostas de indivíduos que simultaneamente se autodeclararam como heterossexuais e cisgênero. Indivíduos bissexuais puderam responder também devido à possibilidade de reprodução de comportamentos binegativos aprendidos socialmente. A amostra foi não probabilística, totalizando 127 formulários foram preenchidos.

Local

A pesquisa ocorreu em ambiente virtual, e a Escala estava disponível em plataforma de formulários *online* para ser respondida. A divulgação da pesquisa foi feita em grupos e perfis de temáticas LGBTI+ em redes sociais (*Facebook, Instagram, WhattsApp e Telegram*).

Materiais

Formulário *online* para resposta das perguntas, com mecanismo de armazenamento direto pela própria plataforma em um editor de tabelas do tipo folhas de cálculo.

Procedimento

A primeira etapa do procedimento foi a divulgação da pesquisa em grupos de redes sociais frequentados por pessoas LGBTI+. Na divulgação já constava o convite para participar da pesquisa, e link anexado para acesso ao formulário.

A primeira página do formulário *online* continha o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) conforme Apêndice A, com dois campos para assinatura digital, um sendo “Concordo” e outro “Discordo”, e uma explicação de que a pesquisa deveria ser respondida somente por indivíduos autodeclarados LGBTI+,. Caso o participante discordasse do TCLE, o mesmo era encaminhado para uma página explicando que, devido ao não consentimento, não

participaria da pesquisa. Em caso de concordância, o participante prosseguiria para as páginas posteriores.

Na segunda página foram coletados dados sociodemográficos autodeclarados dos participantes. Tais dados são relevantes devido à possíveis diferenças nas características populacionais de acordo com recortes sociais. Cinco categorias de dados sociodemográficos foram apresentados, cada um contendo opções a serem selecionadas, sendo: Identidade de Gênero (Mulher Cisgênero, Homem Cisgênero, Mulher Transgênero, Homem Transgênero, Não-binário ou Outro); Orientação Sexual (Heterossexual, Homossexual, Bissexual/Pansexual, Assexual ou Outra); Faixa Etária (18 - 29 anos, 30 - 39 anos, 40 - 49 anos, 50 - 59 anos, ou 60 anos ou mais); Escolaridade (Sem instrução e menos de um ano de estudo, Ensino Fundamental incompleto, Ensino Fundamental completo, Ensino Médio Incompleto, Ensino Médio Completo, Ensino Superior Incompleto, ou Ensino Superior Completo); e Renda Familiar Per Capita (Até R\$ 178,00 por mês, de R\$ 179,00 a R\$ 368,00 por mês, de R\$ 369,00 a R\$ 1.008,00 por mês, de R\$ 1.009,00 a R\$ 3.566,00 por mês, ou acima de R\$ 3.566,00 por mês).

Vale destacar neste momento que foi utilizado o termo Pansexual juntamente com Bissexual por se tratar de um termo que tem ganho destaque nas discussões sobre diversidade de orientações sexuais, e o mesmo tem sido apontado como pertencente ao escopo do espectro da bissexualidade (Flanders et al., 2017)

A terceira página apresentava a Escala de Bifobia Revisada com instruções de preenchimento, sendo a pontuação de 0 à 5, o zero correspondendo à “Discordo Fortemente” e o 5 “Concordo Fortemente” com as afirmações apresentadas. A quarta página era um agradecimento ao participante e um campo para dúvidas. O tempo total para finalização do questionário era de cerca de 15 minutos. Para a análise de dados, foi realizada análise estatística dos dados obtidos a fim de averiguar a prevalência de itens selecionados na escala, com delineamento de natureza quantitativa, “frequentemente aplicado nos estudos descritivos (aqueles que procuram descobrir e classificar a

relação entre variáveis), os quais propõem investigar ‘o que é’, ou seja, a descobrir as características de um fenômeno como tal” (Dalfovo, Lana &, Siqueira, 2008). Os dados foram rodados no programa IBM SPSS Statistics.

Resultados

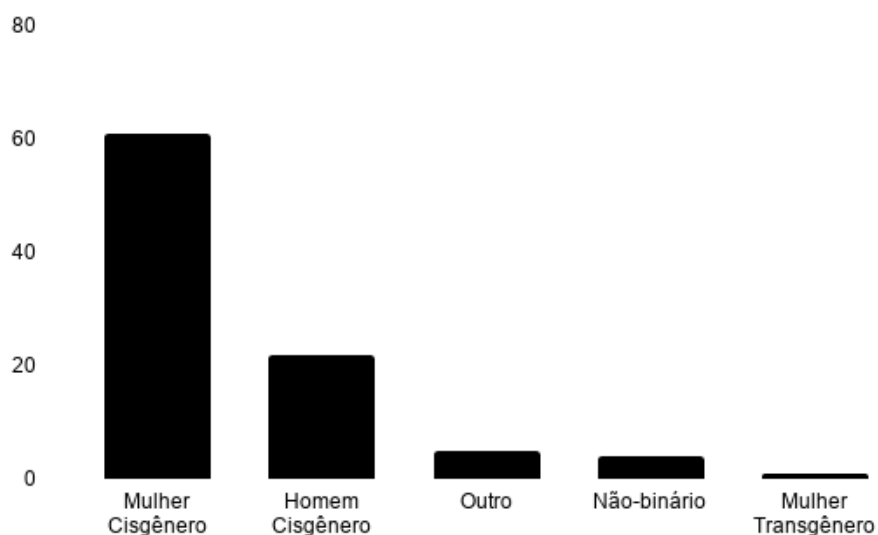
No total 142 indivíduos responderam ao questionário, todos de forma online. Destes, 15 formulários foram desconsiderados por não cumprirem os critérios de inclusão anteriormente descritos. Ao final, foram analisados 127 formulários.

As respostas foram divididas em duas seções, Dados Sociodemográficos e Questionário. Na seção de Dados Sociodemográficos, cinco categorias foram coletadas: Identidade de Gênero, Orientação Sexual, Faixa Etária, Escolaridade e Renda Familiar per Capita.

Em Identidade de Gênero, 61 participantes se autodeclararam Mulheres Cisgênero; 22 Homem Cisgênero; 5 como Outro; 4 Como Não Binário; e 1 como Mulher Transgênero.

Figura 1

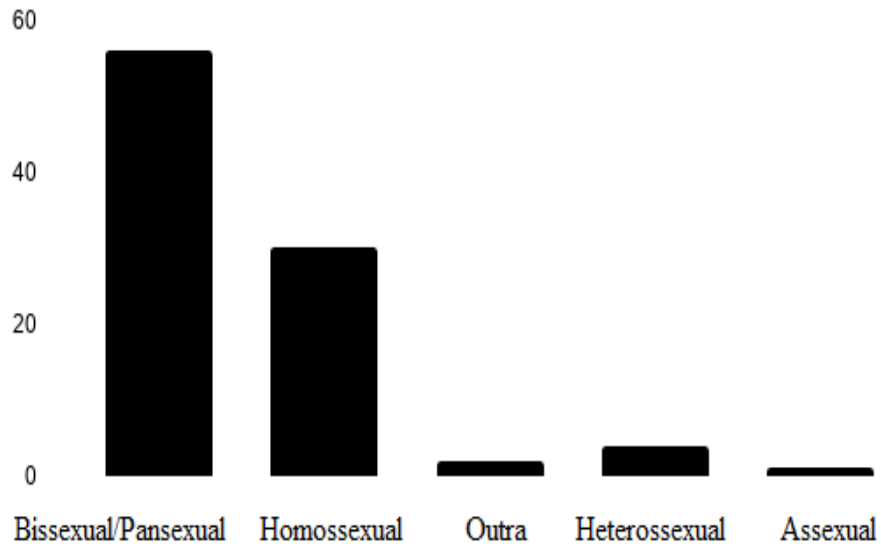
Número de respostas de acordo com a Identidade de Gênero



Em Orientação Sexual, 56 participantes se autodeclararam Bissexuais/Pansexuais; 30 Homossexuais; 4 Heterossexuais; 2 como Outra; e 1 Assexual.

Figura 2

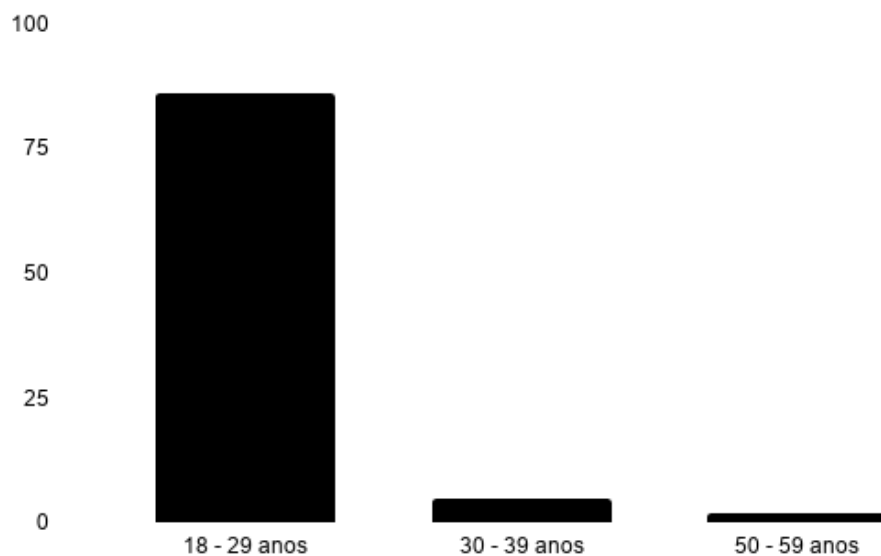
Número de respostas de acordo com a Orientação Sexual



Na Faixa Etária, 86 declararam ter entre 18 e 29 anos; 5 entre 30 e 39 anos; e 2 entre 50 e 59 anos.

Figura 3

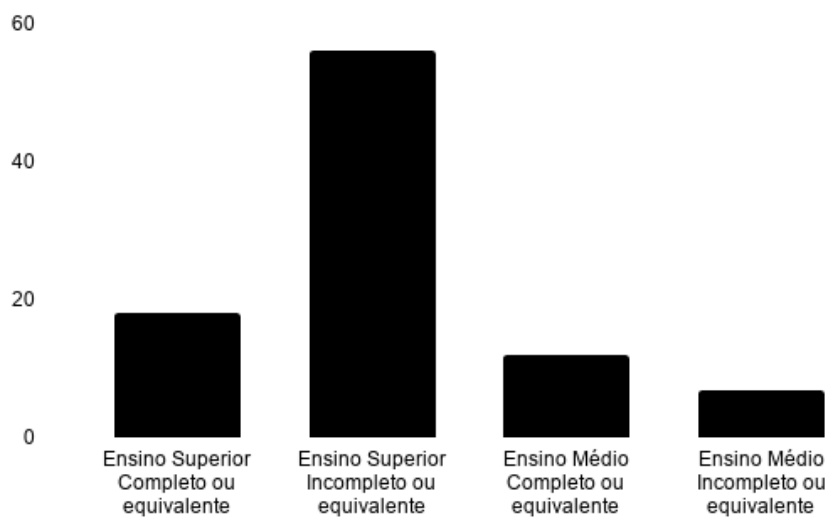
Número de respostas de acordo com a Faixa Etária



Quanto à Escolaridade, 56 declaram ter o Ensino Superior Incompleto ou equivalente; 18 Ensino Superior Completo ou equivalente; 12 Ensino Médio Completo ou equivalente; e 7 Ensino Médio Incompleto ou Equivalente.

Figura 4

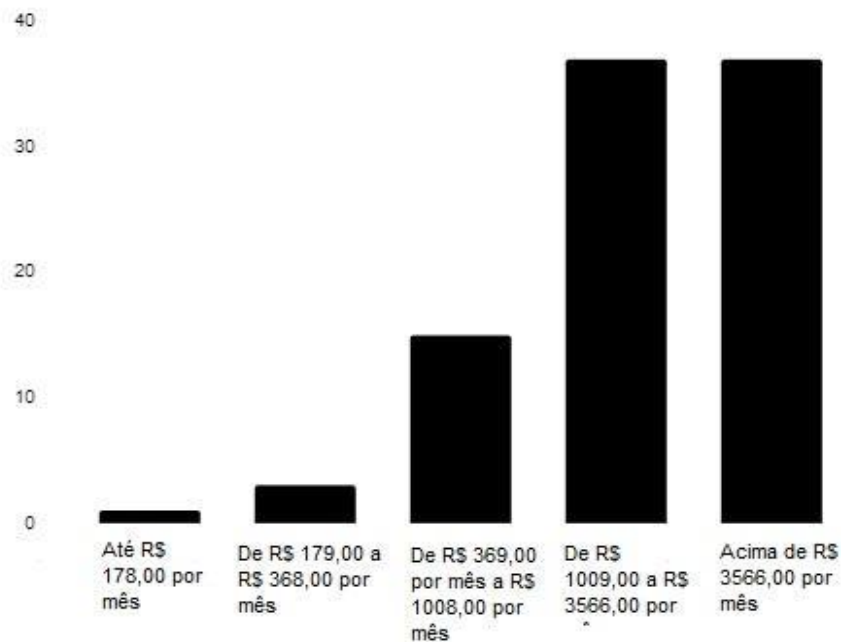
Número de respostas de acordo com a Escolaridade



Quanto à Renda, 37 indivíduos selecionaram ser acima de R\$ 3.566,00 por mês, 37 de R\$ 1.009,00 a R\$ 3.566,00 por mês, 15 de R\$ 369,00 a R\$ 1.008,00 por mês, 3 de R\$ 179,00 a R\$ 368,00 por mês e 1 de até R\$ 178,00 por mês.

Figura 5

Número de respostas de acordo com a Renda



Na segunda seção do instrumento, contendo o questionário, observou-se concentração de resposta em extremos das afirmativas, dependendo do conteúdo do item. Estão sumarizadas no apêndice E as respostas de cada item, excluindo-se as perguntas testes.

Discussão

Os dados obtidos mostram uma parcela da população majoritariamente jovem, de classe média, com acesso à educação superior e feminina. As respostas tenderam para os extremos das opções que poderiam ser selecionadas no estudo, o que impossibilitou um possível cruzamento estatístico de dados, devido à baixa variabilidade numérica dos resultados, sem a qual o cruzamento estatístico não é possível. O enxerto do Apêndice E abaixo mostra a frequência de assertivas selecionadas pelos participantes nos itens de um a sete para demonstrar visualmente o padrão de respostas.

Quadro 1

Excerto do Apêndice E

Itens	Discordo Fortemente	Discordo Parcialmente	Discordo Fracamente	Concordo Fracamente	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
Pessoas bissexuais expuseram a população heterossexual à AIDS	120	3	3	1	0	0
Eu não gosto de pessoas bissexuais.	123	2	0	1	0	1
Acho errado ser bissexual	126	0	0	1	0	0
Pessoas bissexuais merecem os mesmos direitos de outras	5	0	0	0	0	122
Bissexualidade e homossexualidade são a mesma coisa	98	11	9	4	1	3
Eu não seria amigo de uma pessoa bissexual.	126	0	0	0	0	1
Eu namoraria uma pessoa bissexual	7	2	0	1	6	112
Não acho que bissexuais sejam capazes de ser monogâmicos (se relacionar apenas com uma pessoa por vez)	119	3	0	1	0	4

O instrumento foi utilizado principalmente para uma coleta de possíveis topografias de comportamentos possivelmente violentos. É importante destacar que neste caso a seleção de quaisquer respostas diante das perguntas é uma forma de comportamento verbal, que pode ou não refletir com exatidão a realidade das vivências dos participantes. Entretanto, ainda assim manteve-se a utilização do instrumento nesta tentativa, haja visto a dificuldade e limitações em observar possíveis violências desta natureza em tempo real.

É relevante ressaltar também o uso de uma amostra de conveniência para o estudo, que se deu devido à ausência de dados populacionais em relação às pessoas LGBTI+. Também vale destacar que há a possibilidade de que as pessoas que responderam ao questionário tenham compartilhado entre si a pesquisa, existindo a possibilidade de apenas pessoas com posicionamentos semelhantes terem respondido às perguntas. Isto é característico do efeito *snowball* (Emerson, 2015), em que a homogeneidade de dados é observada devido aos participantes comunicarem entre si a ocorrência da pesquisa, atuando indiretamente como recrutadores, o que pode implicar que a amostra tenha uma prevalência de indivíduos com características geográficas, sociais, educacionais, sanitárias e econômicas similares, como observado nos dados obtidos.

A homogeneidade da população permite observar particularidades da vivência da mesma (de Bruin & Arndt, 2010). A primeira característica em comum é que a extensa maioria das participantes se autodeclararam como sendo do gênero feminino. Devido às estruturas sociais predominantemente masculinas e patriarcais na nossa sociedade, McDonald, Navarrete e Sidanius (2011) discutem uma maior prevalência de comportamentos preconceituosos agressivos contra minorias sociais por parte de agressores homens. Os autores apresentam que o preconceito pode ser manifestado de várias formas, como através de xingamentos, agressões físicas, precaução baseada apenas no estereótipo de outrem (atravessar a rua pois uma pessoa negra vem em sua direção), dentre outras formas. Os autores afirmam que a precaução baseada em estereótipo é mais presente na população de mulheres, e as demais, entre homens. Alarie e Gaudet (2013) também trazem a discussão de que mulheres tendem a sofrer de forma mais intensa devido à uma explícita rejeição por parte das mulheres lésbicas, que contribui para uma sensação de exclusão por parte da comunidade LGBTI+ como um todo, o que também pode contribuir para um maior movimento de acolhimento entre mulheres bissexuais, por sentirem que são as únicas que podem acolher-se entre si. Neste ponto, pode-se propor que o gênero dos participantes também pode ser uma variável que contribua para a concentração de respostas que sugerem menor incidência de comportamentos

agressivos/violentos contra a população abordada no instrumento. Desta forma, é possível que intervenções futuras possam ser planejadas levando-se em conta não apenas a violência contra minorias representativas em questões de diversidade sexual, mas também fazendo recortes de gênero, e como estes são afetados por estruturas sociais patriarcais. Um adendo também relevante é que fatores como raça sejam averiguados em futuros estudos, pois há a possibilidade de que esta variável também seja relevante na reprodução de tais violências, levando-se em conta padrões comportamentais racistas reproduzidos por parte da população (Mizael, 2019).

Na última questão, “Você acha que existe preconceito contra pessoas bissexuais na comunidade LGBTI+?”, observa-se uma maior distribuição de respostas entre as categorias. A frequência das respostas pontuadas diferem das observadas em todos os itens anteriores. Devido à aglutinação de respostas nos demais itens da escala, seria possível supor também que, dentro daquela parcela populacional, quase não há violência contra pessoas bissexuais. Entretanto, 88 dos 127 participantes concordaram em algum nível que esta violência existe.

Neste momento, vale destacar que mais da metade dos participantes se autodeclararam bissexuais ou pansexuais. Uma possível hipótese é que, dentro desta amostra específica de população, os participantes tenham reconhecido alguns dos elementos contidos no questionário sob a perspectiva de potenciais vítimas, e não de potenciais perpetradores. Neste caso, mesmo que os participantes já tivessem se comportado conforme o exposto, estes poderiam simplesmente não identificar em seus próprios repertórios tais comportamentos, ou reconhecer apenas os impactos de tais comportamentos sendo vítimas de violência, e não como perpetradores. Entretanto, o dado é de extrema relevância pois a maioria dos participantes de fato afirmam na escala que a violência contra pessoas bissexuais ocorre no meio LGBTI+ conforme a percepção deles, mesmo que neste caso as topografias de tal violência não tenham ficado claras nas assertivas.

Quanto a possíveis fragilidades do estudos, os dados permitem a formulação da hipótese de que a escala pode não ser um instrumento adequado para o levantamento de dados sobre práticas

preconceituosas no contexto na qual foi aplicada. Para isso, alguns fatores devem ser pontuados. A escala tem origem internacional, pautada em uma cultura diferente da brasileira, e algumas variáveis específicas e particulares de cada cultura pode ter o efeito de que alguns itens da lista possam não condizer com a realidade dos participantes.

Também é importante destacar que a escala foi lançada em 2011, e na última década houve um aumento de discussões acerca de diversidade sexual entre a população mais jovem, principalmente por meio das redes sociais, sendo que estas se tornaram meios considerados mais seguros para pessoas “saírem do armário” (Chester et al, 2016), discutirem questões de diversidade sexual e de gênero (Webster, 2019), além de aglomerarem um maior número de pessoas com discussões e interesses em comum devido aos algoritmos de conteúdo presentes nas redes atualmente. Esta combinação de fatores pode ter contribuído para uma visão diferente da população com acesso a estes recursos sobre questões relacionadas à diversidade comparado com dez anos atrás, podendo indicar até uma obsolescência do instrumento.

Estudo 2

O Estudo 2 averigua, por meio de relatos de indivíduos bissexuais, possíveis episódios em que experienciaram binegatividade, em específico aquelas sofridas na comunidade LGBTI+. Neste estudo, hipóteses funcionais foram elaboradas para uma possível compreensão do fenômeno abordado.

Instrumento

O instrumento utilizado foi um roteiro de entrevista semiestruturada, contendo três norteadoras: (1) “Você sabe o que significa binegatividade?” (em caso de desconhecimento do termo, foi explicado ao participante que se trata de um termo utilizado para descrever as violências de quaisquer naturezas sofridas por indivíduos bissexuais devido à sexualidade destes); (2) “Em sua opinião, você já sofreu preconceito especificamente por ser bissexual por pares na comunidade LGBTI+? Como?”; (3) “Já presenciou preconceito por parte de pessoas LGBTI+ contra indivíduos bissexuais, mesmo que não direcionado a você? De que forma este preconceito ocorreu?”.

Local

Foi utilizada uma sala da Clínica Psicológica de uma universidade pública no interior do Paraná, propriamente estruturada para garantia do sigilo do relato dos participantes.

Materiais

Gravador de áudio a ser utilizado nas entrevistas para posterior análise de discurso.

Participantes

Foram entrevistadas 10 pessoas autodeclarados bissexuais, acima de 18 anos de idade. Dos

10 participantes, metade se declarou mulher cisgênero, e a outra metade, homem cisgênero. Nenhuma das pessoas entrevistadas responderam ao questionário do Estudo 1.

Quadro 2

Identidade de Gênero, Idade e Profissão dos participantes

Participantes	Identidade de Gênero	Idade	Profissão
P1	Mulher Cisgênero	33	Professora nível técnico
P2	Mulher Cisgênero	23	Psicóloga
P3	Mulher Cisgênero	24	Auxiliar Administrativo
P4	Homem Cisgênero	28	Estudante medicina
P5	Mulher Cisgênero	27	Psicóloga
P6	Mulher Cisgênero	41	Psicóloga
P7	Homem Cisgênero	29	Professor universitário
P8	Mulher Cisgênero	32	Psicóloga
P9	Homem Cisgênero	25	Psicóloga
P10	Homem Cisgênero	23	Estudante psicologia

Procedimento

O convite para participação do Estudo 2 se deu através de grupos LGBTI+ em que conhecidamente há a presença de bissexuais, como o Fórum LGBTI+ da cidade e grupos de movimentos sociais com luta por igualdade de gênero e diversidade sexual. Também foi realizado convite por meio de grupos de redes sociais com temática LGBTI+ para participação voluntária na entrevista. As entrevistas foram realizadas na Clínica Psicológica da UEL, com horário previamente acordado e mediante concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

A entrevista se iniciava primeiramente com uma apresentação do entrevistador, e após leitura conjunta do TCLE. Caso houvesse dúvidas, o entrevistador as esclarecia, e então a primeira pergunta do roteiro era realizada, e demais perguntas eram feitas mediante o relato dos participantes.

As entrevistas foram transcritas, analisadas e posteriormente deletadas. Foi utilizado o método de levantamento de dados *Survey*, que “pode ser descrita como a obtenção de dados ou informações sobre características, ações ou opiniões de determinado grupo de pessoas, indicado como representante de uma população-alvo, por meio de instrumentos de pesquisa” (Freitas, Oliveira, Saccol & Moscarola, 2000, p 105). Para a análise de discurso foi utilizada a metodologia de Análise de Conteúdo, descrita por Bardin (2011) como técnicas avaliadoras de comunicação que visam obter de forma sistemática e objetiva o discurso dos indivíduos a fim de que inferências de conhecimento sejam possíveis, a partir das mensagens e indicadores contidos no discurso. Foram identificadas categorias de análise (conforme descritas na seção de Resultados), à partir do conteúdo da fala dos participantes, de acordo com similaridades de possíveis funções de comportamentos descritos, quando identificadas (e.g. levar “um fora” após dizer que é bissexual, correspondendo a rejeição por conta da sexualidade em si), similaridades topográficas de comportamentos (e.g. comentários similares sobre a sexualidade alheia), e similaridades com fenômenos descritos pelos participantes com questões já descritas na literatura.

Resultados

Foram realizadas 10 entrevistas, com 5 mulheres cisgênero e 5 homens cisgênero. Os dados foram analisados a partir da leitura da entrevista transcrita, e comparados com fenômenos já apontados na literatura. Foram elaboradas e analisadas quatro categorias de fenômenos compreendidos como violentos: Apagamento/Deslegitimação, Fetichização, Promiscuidade e Rejeição.

Para análise, foram identificados trechos das falas dos participantes de acordo com as categorias identificadas condizente com o descrito na literatura da área. O número de falas referentes a cada categoria segue no Quadro 2.

Quadro 3

Número de categorias identificadas por entrevista

Participantes	Apagamento/ Deslegitimação	Fetichização	Promiscuidade	Rejeição
P1 (M)	4	1	3	2
P2 (M)	3	3	2	0
P3 (M)	3	0	0	0
P4 (H)	6	0	3	0
P5 (M)	3	0	0	2
P6 (M)	3	0	2	0
P7 (H)	2	0	1	0
P8 (M)	1	0	2	0
P9 (H)	5	1	2	1
P10 (H)	7	0	1	2
Total	37	5	16	7

Pelos resultados, observa-se que houve predominância expressiva de falas que se caracterizam como Apagamento/Deslegitimação, sendo esta a única categoria que apareceu em todas as entrevistas. As entrevistas com o maior número de falas desta categoria são dos participantes homens P4 (6), P9 (5) e P10 (7). Duas participantes mulheres, P1 (1) e P2 (3) tiveram falas categorizadas em Fetichização e um homem, P9 (1). Na categoria Promiscuidade, houve o relato de quatro mulheres, P1 (3), P2 (2), P6 (2) e P8 (2), e quatro homens, P4 (3), P7 (1), P9 (2) e P10 (1). Já na categoria Rejeição, duas mulheres, P1 (2) e P5 (2), e dois homens, P9 (1) e P10 (2).

Discussão

Cada categoria abordada trouxe resultados distintos entre si, e cada uma apresenta particularidades tanto teóricas quanto das falas dos participantes. Cada uma será abordada separadamente, visando melhor detalhamento e compreensão do fenômeno, com enxertos de algumas entrevistas para exemplificação do que for discorrido.

Apagamento/Deslegitimação

De acordo com o coletado nas entrevistas, houve predominância significativa de situações de apagamento relatados em especial no contexto universitário, ou com indivíduos que já fizeram parte deste meio. Alguns fatores que podem ser interessantes para análise deste dado são certas características específicas do próprio contexto social dos participantes, sendo em sua expressiva maioria estudantes ou profissionais que ainda circulam em meio a pessoas de contexto acadêmico.

Mesmo com um suposto maior acesso à informação, Barker (2007) discute como a heteronormatividade é reproduzida no contexto universitário, principalmente através da manutenção de currículos que ainda colocam quaisquer orientações sexuais e identidades de gênero que não sejam a heterossexual e cisgênera como algo a ser considerado diferente e estranho. Especialmente no caso da bissexualidade, um exemplo de argumento que pode ser presente é a ausência de relacionamentos “sérios” com um gênero ou outro por parte da pessoa que se autodeclara bissexual, como se a ausência de experiência empírica observável fosse uma confirmação da inexistência desta orientação sexual.

“P1: Eu lembro que eu tinha um amigo, talvez isso configure como binegatividade, que ele falava muito isso, que ele não acreditava que bissexual existia, “ai, isso não existe, você tem que gostar de um ou de outro””

“P2: Como eu só namorei homens na minha vida, tive alguns relacionamentos ... não relacionamentos, mas tipo, ficar com outras meninas. Eu acho que cai muito naquilo de “Será que você é bi mesmo?”, porque eu não tive relacionamentos com meninas, então surge essa questão na LGBTI de falar “Ah, você é bi mesmo?”.”

“T: Na sua opinião, você já sofreu preconceito especificamente por ser bissexual por pares da comunidade LGBT?”

P3: Bem mais do que por pessoas heterossexuais. Porque as pessoas heterossexuais, tipo, eles não fazem perguntas, sabe, para eles é só, tipo, meio que um choque. Agora, pro LGBT, principalmente pra homossexuais, eles já perguntam tipo “Nossa, mas como é que você sabe?”, “Nossa, mas você já teve experiência para saber?”, umas coisas assim, sabe. E aí eu fico tipo “Nossa, tenho que provar as coisas que fiz para ter minha identidade, pra ter a minha orientação sexual?””

Uma possível hipótese funcional para que estes relatos estejam sobremaneira correlacionados com pessoas de contexto universitário seria a reprodução deste padrão comportamental pelos pares dos participantes. Tais padrões são selecionados culturalmente e mantidos, além de outros fatores, pela estrutura ainda muito normativa e conservadora dos currículos e relacionamentos interpessoais dentro do ambiente acadêmico (Barker, 2007; de Bruin & Arndt, 2010). De acordo com Klesse (2011), a cultura heteronormativa permeia fortemente as camadas socioeconômicas da sociedade, o que pode colaborar com a manutenção destes currículos.

Estas influências da cultura no comportamento dos indivíduos podem interferir também na invisibilização dos sujeitos desta forma específica no contexto acadêmico. Isso ocorre não apenas pelo apagamento das vivências dos indivíduos, mas da própria orientação sexual em si. Esta prática pode perdurar até depois que estas pessoas deixam este espaço da academia. Ao discutir o conceito de bissexualidade, Klesse (2011) descreve que devido também à própria construção conflituosa do termo, pessoas bissexuais tendem a ser descreditadas socialmente de variadas formas mesmo entre pares. Devido à combinação dos fatores discutido, existe a probabilidade de que mesmo em disciplinas que tendem a abordar questões culturais de forma mais aprofundada.

Fetichização

Esta categoria foi a que menos foi relatada nas entrevistas, sendo que dos cinco trechos identificados, quatro foram situações relatadas por mulheres, e o participante homem afirmou saber

que existe a fetichização de homens bissexuais dentro da comunidade, porém não citou nenhum exemplo específico.

As situações trazidas por mulheres são de momentos em que homens, ao saberem da orientação sexual das participantes, propunham atividades sexuais envolvendo outras mulheres. Os trechos selecionados foram específicos de homens que em dado momento haviam afirmado serem bissexuais para as participantes.

P1: “Acho que é um dos problemas de mulher bi, porque os caras querem sempre trazer mais mulheres pro relacionamento e a gente sente que precisa ceder, mesmo que o cara também seja bi”

P2: “Tinha um menino bi que eu ficava, há algum tempo atrás e ele vivia me chamando pra fazer ménage com uma outra menina, sabe, alguma das amigas dele e tudo o mais. E eu falava “Ah”. A gente até se envolveu bastante, achei que ia rolar alguma coisa, mas me incomodava muito esse lance de ele estar sempre me chamando pra fazer ménage, e eu ficava me perguntando “Nossa, será que ele taria me chamando pra fazer ménage se eu falasse que sou hétero?”

A característica de que homens bissexuais também fetichizavam relações com as participantes pode ser uma evidência da reprodução de comportamentos sobrepostos à binegatividade, e entrando no escopo da fetichização feminina, muito atrelado ao machismo que permeia a socialização masculina.

Referente à tal socialização, ela é inerente à própria definição que gênero e as relações entre estes, que podem ser definidas como:

O conceito de gênero consolidado na expressão *relações de gênero* representa a aceitação de que a masculinidade e a feminilidade transcendem a questão da anatomia sexual, remetendo a redes de significação que envolvem diversas dimensões da vida das pessoas. Comporta a

permanente interdependência entre o biológico e o psicossocial em cada cultura específica (Traverso-Yépes & Pinheiro, 2005)

Segundo as autoras, a forma que homens e mulheres são socializados desde o nascimento são diferentes no que concerne não apenas como devem se comportar, falar e se vestir, mas também na forma que se relacionam entre os pares e entre os gêneros. Uma característica de destaque é de como relações de poder são ensinadas e mantidas nestas formas de socialização, em que meninos desde a infância são ensinados e incentivados a estarem em posições tidas socialmente como de comando, inclusive sobre as meninas, enquanto estas são ensinadas a estarem neste papel “abaixo” dos meninos. Estes padrões são mantidos e reforçados ao longo da adolescência e vida adulta, e generalizados para todos os campos das relações interpessoais. Um exemplo trazido pelas autoras é de que a violência infamiliar e doméstica acaba sendo naturalizada em diversos lares brasileiros, em que meninos, ao serem testemunhas das violências, tem seu comportamento modelado consistentemente voltado para a violência contra mulheres, enquanto as meninas, ao serem expostas às mesmas violências, podem desenvolver repertórios de submissão como forma de proteção (como não contra-atacar ou reagirem para evitar maiores agressões).

Especificamente sobre o campo da intimidade sexual, um estudo conduzido pela Université de Montreal aponta a probabilidade que todos os homens cisgênero já consumiram, em algum momento da vida, alguma variedade de conteúdo pornográfico, em sua maioria pornografia heterossexual, à partir dos 10 anos de idade. Tal estudo também afirma que o consumo de pornografia não interfere na orientação sexual dos participantes, e em entrevista, um dos autores descarta a hipótese de que o comportamento sexual possa ser influenciado pelo conteúdo pornográfico, mesmo que seja continuamente consumido desde a infância (Liew, 2009). Tal argumento muitas vezes é reproduzida por homens para justificar que não reproduzem comportamentos que objetifiquem mulheres nos vários aspectos das interações interpessoais.

Entretanto, é pertinente que este fenômeno seja observado sobre outros vieses. Skinner (1971/2002) ressalta que práticas culturais não são indissociáveis das contingências a que as pessoas de dada sociedade estão submetidas, e que tais práticas são reproduzidas de geração a geração, podendo perpetuar algumas delas, dadas as devidas circunstâncias. Heilborn (2006) traz o dado de que muitos homens jovens brasileiros reproduzem em seus discursos uma alta valorização de quaisquer tipos de contato sexual, além de descreverem, principalmente nas classes média e média alta, o desejo sexual como sendo uma necessidade física quase incontrolável e inata que deve ser saciada sempre que possível. A autora também discute como tal discurso acaba sendo reproduzido de forma generalizada em nossa sociedade, em intensidades variáveis devido a recortes de gênero, raça, educação, renda e região geográfica. Isto implica em uma visão generalizada de que homens necessitam de sexo, sendo esta uma característica natural deles, e que a busca pela saciação deste desejo é algo esperado, o que justificaria desde possíveis comportamentos tidos como promíscuos e episódios de infidelidade, até comportamentos violentos e criminosos no caso de assédios e crimes sexuais. Sob esta ótica, voltando ao estudo da Université de Montreal, a mesma aponta que a idade inicial de consumo de conteúdo pornográfico é de 10 anos. Assim, pode-se hipotetizar que os comportamentos de interação de homens para com mulheres podem ser parcialmente modelados, reproduzidos e mantidos dentro deste grupo social de acordo com o que é passado neste tipo de mídia.

Freitas e Morais (2019) abordam o tema sob a ótica da cultura do estupro, e a definem da seguinte forma:

A cultura do estupro pode ser caracterizada, em termos comportamentais, por um conjunto de contingências que são encorajadoras e/ou permissivas com práticas sexuais violentas e por um conjunto de classes de comportamentos sexualmente abusivos, dos mais sutis ao estupro, que ocorrem no contexto patriarcal (Freitas & Morais, 2019, p. 121-122)

As autoras também trazem que o consumo de pornografia pode estar correlacionada de forma significativa à reprodução de comportamentos sexualmente abusivos e coercitivos, além de que os homens (independente de orientação sexual) que consomem frequentemente estas mídias tendem a ter atitudes negativas no que se refere a igualdade de gênero, colocando mulheres em níveis inferiores nas variadas esferas de relacionamentos interpessoais.

Tais estudos oferecem dados importantes para se levantar a hipótese de que tais aspectos da socialização masculina podem impactar a forma que a própria comunidade LGBTI+, e em particular homens cisgênero gays e bissexuais, se comporta especificamente em relação às mulheres desta comunidade. Outros aspectos que também poderiam ser levados em conta vão além do escopo específico de consumo de mídias pornográficas, atravessando as representações midiáticas como um todo, modelos sociais ensinados desde a tenra infância, brincadeiras consideradas “de menina e de menino”, e demais aspectos que permeiam toda a socialização feminina e masculina dentro de nossa cultura.

Promiscuidade

Dos oito participantes que descreveram situações ou falas em que sua sexualidade foi associada com possíveis comportamentos socialmente tidos como promíscuos, quatro foram mulheres e quatro homens. As principais características descritas foram a de serem julgados como pessoas que estão mais propensas a cometer traições em relacionamentos monogâmicos e estarem interessadas apenas em se envolver casualmente com o máximo de pessoas possível.

Optou-se por iniciar a discussão deste tópico pelos relatos trazidos pelos participantes homens devido ao fato de que esta aborda temas já discutidos no escopo da fetichização atrelado à socialização masculina. Com estes participantes, houve mais relatos relacionados com se envolver com muitas pessoas e não assumir um relacionamento tido como “sério”. Scherrer (2013) discute que homens bissexuais tendem a ser mais pressionados que mulheres à “tomarem partido”,

no sentido de assumirem de forma explícita qual a “real” orientação sexual deles, sendo que há forte coerção para que se assumam gays.

P4: “Mas quando é homem, não que eu ande muito com rapazes bi, mas eu sinto que tem essa trava, ou você não é um gay completo ou eu sou bagunçado demais igual já me falaram, que eu gosto de sair com todo mundo, que eu sou promíscuo. [. . .] E tem muitos olhares, alguns comentários tipo “só quer saber de pegar todo mundo, você passa o rodo, se passar perto você já derruba”, com uma conotação promíscua”

“os amigos gays julgam. Um dos amigos especialmente não aceita muito bem, ele fala que é só putaria.”

P8: “por ficar com homem e mulher, por ter atração pelos dois, as pessoas pensam que existe maior probabilidade de ficar com pessoas. Talvez seja real probabilisticamente, mas não significa que a pessoa faça. Isso eu já ouvi, que a probabilidade de trair é maior”

Pode-se hipotetizar de que, para além da concepção já descritas que pessoas bissexuais são tidas como promíscuas, a diferença no relato entre participantes homens e mulheres demonstra que aqueles tendem a ser mais fortemente vistos como sexualmente libertinos. Retomando o apontado por Heilborn (2006) acerca da concepção de jovens com alta escolaridade afirmarem com maior frequência de que o desejo sexual é algo irrefreável, tal concepção pode também ser reproduzida no meio LGBTI+, especialmente no meio masculino.

Também retomando o já descrito na literatura sobre como a comunidade LGBTI+ tende a afirmar que indivíduos bissexuais são imorais, promíscuos, infiéis e inconstantes em suas relações (Bimbi & Parson, 2013; DeCapua, 2017), pode-se supor que homens bissexuais tendem a ter seu comportamento sexual mais julgado e considerado como promíscuo devido tanto à binegatividade

quanto as associações entre comportamento sexual masculino e uma necessidade biológica de estar constantemente precisando saciar impulsos sexuais.

Já a questão da traição foi mais presente no relato das mulheres, sempre associadas à falas de mulheres lésbicas que relatavam temer ou acreditar de que, caso se envolvessem com uma mulher bissexual, poderiam ser “trocadas” por um homem, ou não veriam problema em se envolver com um mesmo estando compromissadas.

P1: “na cabeça dela (mulher lésbica), ela vai ser trocada por um cara”.

P2: “tem sempre aquele lance de tipo “Ah, não vou ficar com menina bi, porque senão ela vai me trocar por um cara”, sabe, uma coisa assim.”

P6: “Eu e minha companheira decidimos ser mães, e aí a gente fez fertilização mas eu acabei perdendo. Faz um tempo, já deu pra elaborar. Estamos na fila de adoção há um ano meio. Teve uma vez que algumas pessoas desse meu círculo mais LGBT perguntaram pra mim porque eu não ficava com um cara e engravidava direto pra ter um filho. Falavam que ia ser tão mais fácil fazer assim dessa forma, e eu fiquei pensando em como se também não legitimasse meu relacionamento, “se você é bi você pode sair ficando por aí”. Eu amo minha companheira, não é assim, vou sair pegando homem pra engravidar. Fiquei incomodada, não é assim não.”

Scherrer (2013) aponta que mulheres bissexuais tendem a ser vistas por pares LGBTI+ como pessoas que estão se aventurando ao ficar com outras mulheres sem real intenção de se envolverem, ou que se comportam de determinadas maneiras para satisfazer uma audiência masculina. O autor também afirma que geralmente a relação entre mulheres bissexuais e lésbicas tende a ser mais conflituosa do que entre homens bissexuais e gays. Isso se dá possivelmente pelo

antagonismo e até repulsa que muitas lésbicas acabam desenvolvendo pela figura masculina, relacionada com violências sofridas pelas mesmas, como assédios, abusos psicológicos, físicos e sexuais, além das próprias violências institucionais que ainda são permeadas por uma maioria de homens em cargos de poder (Davidson, 2019). Esta repulsa pode acabar sendo direcionada também para mulheres bissexuais por estas se envolverem com a figura masculina associada a tais eventos, devido à um possível processo de generalização de estímulos.

Rejeição

Quanto a esta categoria, foi observado que não houve características específicas relatadas apenas pelos participantes de um gênero ou outro. As falas dos participantes diziam respeito à possíveis relações românticas ou apenas sexuais, e relacionamentos de amizade no meio LGBTI+.

P1: “É um discurso que é bem preconceituoso por parte das meninas, acho que é por isso que tem menina que tem essa coisa de ‘só fico com lésbica’ ”

P5: “Eu pensava que nem na comunidade LGBT eu era aceita sabe. Aqui que era o lugar que eu deveria ficar de boa, nem as pessoas que sentem o preconceito na pele estão sendo empáticas. Eu ficava bem chateada.”

P10: “Eu me envolvia com um menino, e tava tudo bem enquanto eu me envolvia com ele. Quando ele me viu beijando uma menina, numa festa, ele me questionou se eu era bi, eu falei que sou, e ele disse que perdeu o interesse. Essa foi uma das vezes. E quando eu perguntei porque, ele disse que eu tava tentando reprimir minha sexualidade, de uma forma que eu fosse homossexual, e não me aceitasse, então eu tava me colocando enquanto bi pra ser bem visto.”

Os participantes relataram situações em que foram diretamente rejeitados por alguém após falarem sobre sua orientação sexual, ou de terem de alguma forma presenciado ou terem sido expostos a situações ou relatos de pessoas bissexuais que foram rejeitadas pelo mesmo motivo.

Breno e Galupo (2008) discorrem sobre as vivências de pessoas bissexuais em relacionamentos românticos de estrutura monogâmica, sejam eles namoros de longa duração ou casamentos, e ressaltam que quando estes são frequentemente eliminados de envolvimento afetivos mais profundos ou duradouros devido ao medo, geralmente por gays e lésbicas, de não se compromissarem verdadeiramente com aquela pessoa ou relacionamento.

É interessante pontuar que as mídias (literatura, obras televisivas, obras musicais e produções cinematográficas) tem um grande impacto na percepção e concepção das pessoas em como relacionamentos afetivos monogâmicos devem se desenvolver, e quais as características que cada pessoa do casal deve apresentar (Holmes, 2007), além de serem a fonte primária de informação sobre relacionamentos para 90% da população jovem (Bachen e Illouz, 1996). No caso da descrição de relacionamentos românticos monogâmicos, é tipicamente descrito que o casal tem funções pré definidas dentro daquele relacionamento, geralmente obedecendo rígidos papéis de gênero e com presença de altas expectativas em relação ao cumprimento destes papéis por parte de potenciais parceiros (Holmes & Johnson, 2009).

Holmes (2007) traz que existe uma maior probabilidade de indivíduos não se empenharem em se relacionar, ou manter um relacionamento, com indivíduos que não correspondam às expectativas construídas midiaticamente, principalmente quando diferenças que podem gerar debates, que podem levar a possíveis conflitos entre o casal, estão presentes. Pode-se hipotetizar que estas variáveis podem também influenciar no fenômeno de rejeição, pois a própria bissexualidade pode ser vista como algo que foge dos padrões esperados de parceiros tidos como ideais.

Em relação à representatividade de pessoas bissexuais em mídias televisivas e *streaming*, Cook (2018) fez um levantamento da orientação sexual de personagens de sete seriados estadunidenses, e constatou que: (1) a proporção de gays e lésbicas era maior que o dobro da de personagens bissexuais; (2) dos personagens bissexuais constatados, apenas um falava abertamente sobre a própria orientação sexual⁵; (3) personagens bissexuais evitavam ativamente falar sobre a própria sexualidade (e.g. mudavam de assunto). O autor também afirma que

Enquanto personagens gays e lésbicas não fogem das próprias identidades, discutem sobre a própria sexualidade e até fazem piadas sobre isso, a identidade bissexual ainda é encoberta sob pretextos como “é complicado”, ou representada por personagens que usam a própria sexualidade como ferramenta de manipulação [. . .]⁶(Cook, 2018, p. 35)

Desta forma, levando-se em conta a extensa gama de regras a serem seguidas pelas mídias e o papel que as mesmas acabam tendo ao ensinar repertórios socialmente aceitos e desejados, é possível que tal variável também esteja correlacionada com a binegatividade. Vale também ressaltar que, mesmo em configurações não monogâmicas, tais preconceitos também podem ser reproduzidos, mesmo que talvez em menor frequência, pois a estigmatização da população estudada é perpassada por várias variáveis, que ultrapassam os limites, mesmo que muito amplos, da discussão sobre monogamia e não monogamia.

5 Os critérios utilizados para constatar um personagem como bissexual foram as interações românticas ou sexuais demonstradas pelos personagens, e não a autodeclaração. O autor afirma que esta decisão foi deliberada, pois a autodeclaração é praticamente inexistente no caso de indivíduos bissexuais, dado que também é discutido mais profundamente por Cook ao longo de sua tese.

6 While gay and lesbian characters do not shy away from their identity, discussing their sexuality and making jokes about it, the bisexual identity is still shrouded in terms of “it’s complicated” or represented by characters who only use sexuality as a way to manipulate people [. . .]

Considerações finais

Dentre o que foi discutido, pode-se observar que há muitos recortes sociais que precisam ser levados em conta em quaisquer análises quando se tratam de fenômenos sociais. Algumas destas variáveis sociais não foram analisadas nestes estudos, como por exemplo a etnia dos participantes, fator que pode vir a ser abordado em futuros estudos. A quantidade de participantes de cada estudo também pode ser uma limitação, já que no primeiro estudo não há dados sociodemográficos que nos permitam saber se o total de participantes é estatisticamente representativo dentro da comunidade LGBTI+, assim como a presença massiva de indivíduos com características semelhantes que responderam ao instrumento. Já no estudo dois também é importante ressaltar que um número maior de entrevistas talvez pudesse trazer uma maior vastidão de dados para análise.

Os dados coletados ao longo dos dois estudos que compõem esta dissertação permitem que algumas hipóteses sobre como a reprodução de comportamentos violentos pode ocorrer mesmo entre indivíduos de um mesmo grupo minoritário. Fatores envolvidos estão fortemente vinculados à cultura na qual estão inseridos, sendo variável de grande impacto na seleção e manutenção destes comportamentos, envolvendo questões sociais com leve ascensão de pesquisa dentro da Análise do Comportamento, como diversidade de gênero e sexualidade, discussões sobre opressão feminina, questões de variedade sócio econômica, e diversidade étnica.

Mesmo com as limitações já ressaltadas, os estudos permitem que algumas hipóteses sejam formuladas acerca não apenas de como os comportamentos violentos são reproduzidos, mas o possível impacto que estes tem no bem estar da população que é vítima destes padrões, revelando aspectos sociais que precisam ser observados com maior cautela, afim de que intervenções voltadas para o bem estar social sejam planejadas futuramente e colocadas em prática, saindo de um escopo voltado apenas para um grupo majoritário de privilegiados e abarcando aqueles que, de diversas formas, ainda sofrem devido a diversas opressões ainda em vigor.

REFERÊNCIAS

- Alarie, M., & Gaudet, S. (2013). "I Don't Know If She Is Bisexual or If She Just Wants to Get Attention": Analyzing the Various Mechanisms Through Which Emerging Adults Invisibilize Bisexuality. *Journal of Bisexuality*, 13(2), 191–214. <https://doi.org/10.1080/15299716.2013.780004>
- Bachen, C.M., & Illouz, E. (1996). Imagining romance: Young people's cultural models of romance and love. *Critical Studies in Mass Communication*, 13, 297-308.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Breno, A. L., & Galupo, M. P. (2008). Bias toward bisexual women and men in a marriage-matching task. *Journal of Bisexuality*, 7(3/4), 217–235. doi:10.1080/15299710802171308
- Chester, M. R. et al (2016). Gay men's experiences coming out online: A qualitative study. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 28(4), 317-335. <https://doi.org/10.1080/10538720.2016.1221785>
- Cook, C. (2018). *A content analysis of LGBT representation on broadcast and streaming television*. [Tese de Doutorado, The University of Tennessee at Chattanooga]. ProQuest Dissertations & Theses Global.
- Costa, Â. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em psicologia*, 23(3), 715-726. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-15>
- Cox, S., Bimbi, D. S., & Parsons, J. T. (2013). Examination of Social Contact on Binegativity Among Lesbians and Gay Men. *Journal of Bisexuality*, 13(2), 215–228. <https://doi.org/10.1080/15299716.2013.782596>
- Craney, R. S., Watson, L. B., Brownfield, J., & Flores, M. J. (2018). Bisexual women's discriminatory experiences and psychological distress: Exploring the roles of coping and LGBTQ community connectedness. *Psychology of Sexual Orientation and Gender*

Diversity, 5(3), 324–337. <https://doi.org/10.1037/sgd0000276>

Dalfovo, M. S., Lana, R. A., & Silveira, A. (2008). Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. *Revista interdisciplinar científica aplicada*, 2(3), 1-13.

Devides, M. B. C. (2018) *A violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Londrina – UEL]. Londrina: UEL

de Amorim, R. M. (2011). O (a) negro (a) na sociedade brasileira ontem e hoje: o papel das categorias raça, etnia e classe social para a educação escolarizada. *Revista Lugares de Educação*, 1 (1), 87-106.

de Barros, E. A., Machado, L. M. A., de Sena Biá, M. G., & Guerreiro, R. A. (2020). A mulher como produto de satisfação masculina na pornografia: uma análise histórico-social. *REVES-Revista Relações Sociais*, 3(4), 17001-17014. <https://doi.org/10.18540/revesv13iss4pp17001-17014>

de Bruin, K., & Arndt, M. (2010). Attitudes toward bisexual men and women in a university context: Relations with race, gender, knowing a bisexual man or woman and sexual orientation. *Journal of Bisexuality*, 10(3), 233–252. <https://doi.org/10.1080/15299716.2010.500955>

Davidson, M. (2019). Necropolítica Lesbocida: uma análise sobre o necrobiopoder, soberania e violências contra lésbicas no contexto bolsonarista. *Ítaca*, (34), 205-224.

DeCapua, S. R. (2017). Bisexual Women’s Experiences with Binegativity in Romantic Relationships. *Journal of Bisexuality*, 17(4), 451–472. <https://doi.org/10.1080/15299716.2017.1382424>

Eagly, A. H., & Mladinic, A. (1989). Gender stereotypes and attitudes toward women and men. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 15(4), 543-558.

Emerson, R. W. (2015). Convenience Sampling, Random Sampling, and Snowball Sampling: How

- Does Sampling Affect the Validity of Research? *Journal of Visual Impairment & Blindness*, 109(2), 164–168. doi:10.1177/0145482x1510900215
- Fazzano, L. H., & Gallo, A. E. (2015). Uma análise da homofobia sob a perspectiva da análise do comportamento. *Temas em Psicologia*, 23(3), 535-545.
- Fazzano, L. H., Mena, I. M., Dionísio, T. E. S., & Gallo, A. E. (2020). Análise do comportamento e população LGBT: revisão das produções de pós-graduação no Brasil. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, 11(1), 052-062.
- Freitas, H., Oliveira, M., Saccol, A. Z., & Moscarola, J. (2000). O método de pesquisa survey. *Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, 35(3).
- Freitas, J. C. De C., & Moraes, A. O. (2019) Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e Análise do Comportamento. *Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis del Comportamiento*, 27(1).
- Flanders, C. E., LeBreton, M., & Robinson, M. (2018). Bisexual Women’s Experience of Microaggressions and Microaffirmations: A Community-Based, Mixed-Methods Scale Development Project. *Archives of Sexual Behavior*, 1–16. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1135-x>
- Flanders, C. E., LeBreton, M. E., Robinson, M., Bian, J., & Caravaca-Morera, J. A. (2017). Defining bisexuality: Young bisexual and pansexual people's voices. *Journal of Bisexuality*, 17(1), 39-57.
- Firestein, B. A. (Ed.). (1996). *Bisexuality: The psychology and politics of an invisible minority*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- Heilborn, M. L. (2006). Entre as tramas da sexualidade brasileira. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 43-59.
- Holmes, B. M. (2007). In search of my “one and only”: Romance-oriented media and beliefs in romantic relationship destiny. *Electronic Journal of Communication*, 17(3), 1-23.

- Holmes, B., & Johnson, K. R. (2009). Where fantasy meets reality: Media exposure, relationships beliefs and standards, and the moderating effect of a current relationship. In *In EP Lamont (Ed), Social Psychology: New Research*. (pp. 117-134).
- Kinsey, A. C.; Pomeroy, W. B.; Martin, C. E. (1948). *Sexual behavior in the human male*. Saunders.
- Klesse, C. (2011). Shady characters, untrustworthy partners, and promiscuous sluts: Creating bisexual intimacies in the face of heteronormativity and biphobia. *Journal of Bisexuality*, *11*(2–3), 227–244, p. 230. DOI: <https://doi.org/10.1080/15299716.2011.571987>
- Liew, J. (2009, Dezembro 2). *All men watch porn, scientists find*. The Telegraph. <https://www.telegraph.co.uk/women/sex/6709646/All-men-watch-porn-scientists-find.html>.
- Matsick, J. L., & Rubin, J. D. (2018). Bisexual prejudice among lesbian and gay people: Examining the roles of gender and perceived sexual orientation. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, *5*(2), 143.
- Mizael, T. M., & de Rose, J. C. (2017). Análise do Comportamento e Preconceito Racial: Possibilidades de Interpretação e Desafios. *Acta Comportamentalia*, *25*(3).
- Mizael, T. M. (2018). Perspectivas Analítico-Comportamentais sobre a homossexualidade: análise da produção científica. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, *9*(1), 15-28.
- Mizael, T. M. (2019). *Redução do preconceito racial: uma investigação analítico-comportamental*. [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de São Carlos – UFSCAR]. São Carlos: UFSCAR
- Mulick, P. S., & Wright, L. W. (2002). Examining the existence of biphobia in the heterosexual and homosexual populations. *Journal of Bisexuality*, *2*(4), 47–64. DOI: https://doi.org/10.1300/J159v02n04_03
- Mulick, P. S., & Wright Jr, L. W. (2011). The biphobia scale a decade later: Reflections and additions. *Journal of Bisexuality*, *11*(4), 453-457. DOI:

<http://dx.doi.org/10.1080/15299716.2011.620486>

- McDonald, M. M., Navarrete, C. D., & Sidanius, J. (2011). *Developing a theory of gendered prejudice: An evolutionary and social dominance perspective*. In R. M. Kramer, G. J. Leonardelli, & R. W. Livingston (Eds.), *Psychology Press Festschrift series. Social cognition, social identity, and intergroup relations: A Festschrift in honor of Marilyn B. Brewer* (p. 189–220). Psychology Press.
- Pierce, C., Carew, J., Pierce-Gonzalez, D., & Willis, D. (1978). An experiment in racism: TV commercials. In C. Pierce (Ed.), *Television and education* (pp. 62– 88). Beverly Hills, CA: Sage.
- Roberts, T. S., Horne, S. G., & Hoyt, W. T. (2015). Between a Gay and a Straight Place: Bisexual Individuals' Experiences with Monosexism. *Journal of Bisexuality*, 15(4), 554–569. <https://doi.org/10.1080/15299716.2015.1111183>
- Sarno, E., & Wright, A. J. (2013). Homonegative Microaggressions and Identity in Bisexual Men and Women. *Journal of Bisexuality*, 13(1), 63–81. <https://doi.org/10.1080/15299716.2013.756677>
- Scherrer, K. (2013). Culturally Competent Practice with Bisexual Individuals. *Clinical Social Work Journal*, 41(3), 238–248. <https://doi.org/10.1007/s10615-013-0451-4>
- Sidman, M. (1989). *Coerção e suas implicações*. Editora Livro Pleno
- Skinner, B. F. (1953). *Science and human behavior*. New York: The Macmillan Company.
- Skinner, B. F. (2002). *Beyond freedom and dignity*. New York: Alfred A. Knopf. (Trabalho original publicado em 1971)
- Skinner, B. F. (1974). *About behaviorism*. New York: Vintage Books.
- Traverso-Yépez, M. A., & Pinheiro, V. D. S. (2005). Socialização de gênero e adolescência. *Revista Estudos Feministas*, 13(1), 147-162.

Webster, L. (2019). "I am I": Self-constructed transgender identities in internet-mediated forum communication. *International Journal of the Sociology of Language*, 2019(256), 129-146.

Wielewicki, A., Gallo, A. E., & Grossi, R. (2011). Instrumentos na prática clínica: CBCL como facilitador da análise funcional e do planejamento da intervenção. *Temas em psicologia*, 19(2), p. 513-523.

Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

“Caracterização da Binegatividade na comunidade LGBTI+”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa “**Caracterização da Binegatividade na comunidade LGBTI+**”, a ser realizada através da plataforma online Google Forms. O objetivo da pesquisa é caracterizar as falas em relação à pessoas bissexuais por parte de pessoas que se autoidentificam como pertencentes a comunidade LGBTI+. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: Este termo conta com dois campos para assinatura digital, um sendo “Concordo” e outro “Discordo”, e uma explicação de que a pesquisa deve ser respondida somente por indivíduos LGBTI+, sendo que se indivíduos heterossexuais cisgênero responderem, os dados não poderão ser utilizados. Caso discorde do TCLE, será encaminhado para uma página explicando que, devido ao não consentimento, não participará da pesquisa. Em caso de concordância, a segunda página do Google Forms será voltada para identificação da orientação sexual do participante (lésbica, gay, assexual, e afins), identidade de gênero (cisgênero, transgênero, travesti, gênero fluido, não binário e afins), idade, escolaridade e renda mensal da casa que reside. A terceira página apresentará a Escala de Bifobia Revisada com instruções de preenchimento, sendo a pontuação de 0 à 5, o zero correspondendo à “Discordo Fortemente” e o 5 “Concordo Fortemente” com as afirmações apresentadas.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados são, além da colaboração com o desenvolvimento científico de questões ligadas à comunidade LGBTI+, maior conhecimento das vivências de indivíduos bissexuais dentro da comunidade. Quanto aos riscos, pode haver desconforto causado pela conscientização de alguns preconceitos sofridos por indivíduos bissexuais, assim como tomada de conhecimento de violências sofridas ou praticadas pelos participantes em seus convívios sociais. No caso de necessidade de amparo psicológico devido à sensibilidade dos temas abordados, o participante pode entrar em contato com a pesquisadora através dos contatos listados neste Termo, para que amparo emergencial seja feito. No caso de aplicações via internet, a pesquisadora está devidamente cadastrada, conforme regras do Conselho Federal de Psicologia, para realizar atendimentos online. No caso de necessidade de atendimentos presenciais, a pesquisadora dispõe de uma sala nas conformidades do Comitê de Orientação e Fiscalização do Conselho Regional de Psicologia do Paraná para efetuar-los. Em ambos os casos, não será cobrado nenhum tipo de valor do participante. Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar através do seguinte contato:

Thainã Eloá Silva Dionísio, e-mail: thai.eloa@gmail.com, telefone (43) 996361238, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue à você.

Londrina, ____ de _____ de 201_.

Pesquisador Responsável :
Thainã Eloá Silva Dionísio

RG:: _____

_____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

Apêndice B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

“Caracterização da Binegatividade na comunidade LGBTI+”

Prezado(a) Senhor(a):

Gostaríamos de convidá-lo (a) para participar da pesquisa “**Caracterização da Binegatividade na comunidade LGBTI+**”, a ser realizada na Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina. O objetivo da pesquisa é caracterizar as falas em relação à pessoas bissexuais por parte de pessoas que se auto identificam como pertencentes a comunidade LGBTI+. Sua participação é muito importante e ela se daria da seguinte forma: uma entrevista será realizada afim de destrinchar suas vivências como pessoa bissexual com outros indivíduos dentro da comunidade LGBTI+.

Esclarecemos que sua participação é totalmente voluntária, podendo você: recusar-se a participar, ou mesmo desistir a qualquer momento, sem que isto acarrete qualquer ônus ou prejuízo à sua pessoa. Esclarecemos, também, que suas informações serão utilizadas somente para os fins desta pesquisa (ou para esta e futuras pesquisas) e serão tratadas com o mais absoluto sigilo e confidencialidade, de modo a preservar a sua identidade.

Esclarecemos ainda, que você não pagará e nem será remunerado(a) por sua participação. Garantimos, no entanto, que todas as despesas decorrentes da pesquisa serão ressarcidas, quando devidas e decorrentes especificamente de sua participação.

Os benefícios esperados são, além da colaboração com o desenvolvimento científico de questões ligadas à comunidade LGBTI+, maior conhecimento das vivências de indivíduos bissexuais dentro da comunidade. Quanto aos riscos, pode haver desconforto causado pela conscientização de alguns preconceitos sofridos por indivíduos bissexuais, assim como tomada de conhecimento de violências sofridas ou praticadas pelos participantes em seus convívios sociais.

No caso de necessidade de amparo psicológico devido à sensibilidade dos temas abordados, o participante pode entrar em contato com a pesquisadora através dos contatos listados neste Termo, para que amparo emergencial seja feito. No caso de aplicações via internet, a pesquisadora está devidamente cadastrada, conforme regras do Conselho Federal de Psicologia, para realizar atendimentos online. No caso de necessidade de atendimentos presenciais, a pesquisadora dispõe de uma sala para efetuá-los. Em ambos os casos, não será cobrado nenhum tipo de valor do participante.

Caso você tenha dúvidas ou necessite de maiores esclarecimentos poderá nos contatar através do seguinte contato:

Thainã Eloá Silva Dionísio, e-mail: thai.eloa@gmail.com, telefone (43) 996361238, ou procurar o Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Estadual de Londrina, situado junto ao LABESC – Laboratório Escola, no Campus Universitário, telefone 3371-5455, e-mail: cep268@uel.br.

Este termo deverá ser preenchido em duas vias de igual teor, sendo uma delas devidamente preenchida, assinada e entregue à você.

Londrina, ____ de _____ de 201__.

Pesquisador Responsável :
Thainã Eloá Silva Dionísio

RG:: _____

_____, tendo sido devidamente esclarecido sobre os procedimentos da pesquisa, concordo em participar **voluntariamente** da pesquisa descrita acima.

Assinatura (ou impressão dactiloscópica): _____

Data: _____

Apêndice C - The Biphobia Scale (versão masculina)

This questionnaire is designed to measure your thoughts, feelings, and behaviors with regards to bisexual men. It is not a test, so there are no right or wrong answers. Answer each item by circling the number after each question as follows.

0 = Strongly Disagree

5 = Strongly Agree

1. Bisexual men exposed the heterosexual population to AIDS.	0	1	2	3	4	5
2. I do not like bisexual men.	0	1	2	3	4	5
3. I think it is wrong for men to be bisexual.	0	1	2	3	4	5
4. Bisexual men deserve the same rights as all people.	0	1	2	3	4	5
5. There is little difference between bisexuality and homosexuality.	0	1	2	3	4	5
6. I would not be friends with a man who is bisexual.	0	1	2	3	4	5
7. I would date a man who is bisexual.	0	1	2	3	4	5
8. I do not think bisexual men are capable of monogamy.	0	1	2	3	4	5
9. I feel comfortable around bisexual men.	0	1	2	3	4	5
10. All bisexual men are promiscuous.	0	1	2	3	4	5
11. Bisexuality is real and it is normal for men to be bisexual.	0	1	2	3	4	5
12. I discriminate against bisexual men.	0	1	2	3	4	5
13. I feel uncomfortable around bisexual men.	0	1	2	3	4	5
14. All bisexual men have AIDS.	0	1	2	3	4	5
15. Bisexual men are really sex addicts.	0	1	2	3	4	5
16. It is sexy for two men to engage in sex with each other.	0	1	2	3	4	5
17. Bisexual men make me nervous.	0	1	2	3	4	5
18. Bisexual men get what they deserve.	0	1	2	3	4	5
19. Bisexual men are acceptable to me.	0	1	2	3	4	5
20. I do not think bisexual men should work with children.	0	1	2	3	4	5
21. I make derogatory remarks about bisexual men.	0	1	2	3	4	5
22. Bisexual men should not get married.	0	1	2	3	4	5
23. It does not matter to me if my male friends are bisexual.	0	1	2	3	4	5
24. Bisexual men are not capable of a monogamous marriage.	0	1	2	3	4	5
25. It would not matter to me if I learned that a close male friend is bisexual.	0	1	2	3	4	5
26. Bisexual men are immoral.	0	1	2	3	4	5
27. I tease and joke about bisexual men.	0	1	2	3	4	5
28. I feel you cannot trust a man who is bisexual.	0	1	2	3	4	5
29. I fear bisexual men will make sexual advances towards me.	0	1	2	3	4	5
30. I would get angry if a bisexual man made sexual advances towards me.	0	1	2	3	4	5
31. Organizations that promote bisexual rights are necessary.	0	1	2	3	4	5
32. I have damaged the property of bisexual men (such as "keying their cars").	0	1	2	3	4	5
33. I would feel comfortable having a bisexual male for a roommate.	0	1	2	3	4	5
34. I would hit a bisexual male for coming on to me.	0	1	2	3	4	5
35. Bisexual behavior should not be against the law.	0	1	2	3	4	5
36. Bisexual men will go to hell.	0	1	2	3	4	5
37. I avoid bisexual men.	0	1	2	3	4	5
38. When I see a bisexual male I think, "What a waste."	0	1	2	3	4	5

39. When I see a bisexual male I think, "He is sick."	0	1	2	3	4	5
40. When I meet a man, I try to find out if he is bisexual.	0	1	2	3	4	5
41. I have rocky relationships with men I suspect are bisexual.	0	1	2	3	4	5
42. I think that bisexual men want to have sex with everything.	0	1	2	3	4	5
43. I do not think that bisexual men are capable of controlling their sexual impulses.	0	1	2	3	4	5
44. I would beat up a man I knew was bisexual.	0	1	2	3	4	5
45. I would not touch a man I knew was bisexual.	0	1	2	3	4	5
46. I have verbally harassed a bisexual male.	0	1	2	3	4	5
47. All male prostitutes are bisexual.	0	1	2	3	4	5
48. I hope bisexual men get AIDS and die.	0	1	2	3	4	5

Apêndice D - Escala de Bifobia

Este questionário pretende mensurar suas opiniões, sentimentos e comportamentos em relação à indivíduos bissexuais. Não é um teste, então não há respostas certas e erradas. Responda cada um dos itens circulando o número após cada frase conforme seguinte.

0 = Discordo Fortemente
5 = Concordo Fortemente

1. Pessoas bissexuais expuseram a população heterossexual à AIDS	0	1	2	3	4	5
2. Eu não gosto de pessoas bissexuais.	0	1	2	3	4	5
3. Acho errado ser bissexual	0	1	2	3	4	5
4. Pessoas bissexuais merecem os mesmos direitos de outras	0	1	2	3	4	5
5. Há pouca diferença entre bissexualidade e homossexualidade.	0	1	2	3	4	5
6. Eu não seria amigo de uma pessoa bissexual.	0	1	2	3	4	5
7. Eu namoraria uma pessoa bissexual	0	1	2	3	4	5
8. Não acho que bissexuais sejam capazes de ser monogâmicos.	0	1	2	3	4	5
9. Me sinto confortável na companhia de pessoas bissexuais	0	1	2	3	4	5
10. Todas as pessoas bissexuais são promíscuas.	0	1	2	3	4	5
11. Bissexualidade existe e é natural que pessoas sejam bissexuais.	0	1	2	3	4	5
12. Eu discrimino pessoas bissexuais	0	1	2	3	4	5
13. Me sinto desconfortável perto de pessoas bissexuais	0	1	2	3	4	5
14. Todas as pessoas bissexuais têm AIDS	0	1	2	3	4	5
15. Pessoas bissexuais são viciadas em sexo.	0	1	2	3	4	5
16. É sexy duas pessoas do mesmo gênero em contato sexual	0	1	2	3	4	5
17. Pessoas bissexuais me deixam nervosa (o)	0	1	2	3	4	5
18. Pessoas bissexuais recebem aquilo que merecem	0	1	2	3	4	5
19. Pessoas bissexuais são aceitáveis para mim	0	1	2	3	4	5
20. Não acho que pessoas bissexuais deveriam trabalhar com crianças	0	1	2	3	4	5
21. Eu faço comentários depreciativos sobre pessoas bissexuais	0	1	2	3	4	5
22. Pessoas bissexuais não deveriam casar	0	1	2	3	4	5
23. Não me importo se minhas (meus) amigas (os) são bissexuais	0	1	2	3	4	5
24. Pessoas bissexuais não conseguem ter um casamento monogâmico	0	1	2	3	4	5
25. Eu não me importaria de descobrir que uma pessoa próxima de mim é bissexual.	0	1	2	3	4	5
26. Pessoas bissexuais são imorais	0	1	2	3	4	5
27. Eu provoco e faço piadas com pessoas bissexuais	0	1	2	3	4	5
28. Sinto que não se pode confiar em pessoas bissexuais	0	1	2	3	4	5
29. Tenho medo que pessoas bissexuais tentem me assediar sexualmente	0	1	2	3	4	5
30. Eu ficaria brava (o) se uma pessoa bissexual tentasse algum contato sexual comigo.	0	1	2	3	4	5
31. Organizações que promovem os direitos dos bissexuais São necessárias	0	1	2	3	4	5
32. Já danifiquei a propriedade de uma pessoa bissexual (como arranhar o carro deles com um prego)	0	1	2	3	4	5
33. Eu me sentiria confortável em ter uma pessoa bissexual como colega de quarto.	0	1	2	3	4	5
34. Eu socaria uma pessoa bissexual que desse em cima de mim	0	1	2	3	4	5
35. Comportamento bissexual não deve ser contra a lei	0	1	2	3	4	5

36. Pessoas bissexuais vão para o inferno	0	1	2	3	4	5
37. Eu evito pessoas bissexuais	0	1	2	3	4	5
38. Quando vejo uma pessoa bissexual penso “que desperdício”	0	1	2	3	4	5
39. Quando vejo uma pessoa bissexual penso “isso é doença”	0	1	2	3	4	5
40. Quando conheço alguém, tento descobrir se é bissexual.	0	1	2	3	4	5
41. Tenho relações conflituosas com pessoas que suspeito que sejam bissexuais.	0	1	2	3	4	5
42. Eu acho que pessoas bissexuais querem fazer sexo com Qualquer coisa.	0	1	2	3	4	5
43. Eu não acho que pessoas bissexuais podem controlar seus desejos sexuais.	0	1	2	3	4	5
44. Eu daria uma surra em uma pessoa que eu descobrisse ser bissexual.	0	1	2	3	4	5
45. Eu não tocaria em uma pessoa bissexual.	0	1	2	3	4	5
46. Eu já provoquei verbalmente uma pessoa bissexual.	0	1	2	3	4	5
47. Todas as pessoas com empregos no ramo do sexo são bissexuais	0	1	2	3	4	5
48. Espero que pessoas bissexuais peguem AIDS e morram	0	1	2	3	4	5

Apêndice E – Quadro de resposta do questionário

Itens	Discordo Fortemente	Discordo Parcialmente	Discordo Fracamente	Concordo Fracamente	Concordo Parcialmente	Concordo Totalmente
Pessoas bissexuais expuseram a população heterossexual à AIDS	120	3	3	1	0	0
Eu não gosto de pessoas bissexuais.	123	2	0	1	0	1
Acho errado ser bissexual	126	0	0	1	0	0
Pessoas bissexuais merecem os mesmos direitos de outras	5	0	0	0	0	122
Bissexualidade e homossexualidade são a mesma coisa	98	11	9	4	1	3
Eu não seria amigo de uma pessoa bissexual.	126	0	0	0	0	1
Eu namoraria uma pessoa bissexual	7	2	0	1	6	112
Não acho que bissexuais sejam capazes de ser monogâmicos (se relacionar apenas com uma pessoa por vez)	119	3	0	1	0	4
Me sinto confortável na companhia de pessoas bissexuais	4	0	0	2	3	118
Todas as pessoas	121	2	2	2	0	0

bissexuais são promíscuas (adoram sexo descontroladamente)						
Bissexualidade existe e é natural que pessoas sejam bissexuais.	2	0	0	3	5	117
Eu discrimino pessoas bissexuais	125	2	0	0	0	0
Me sinto desconfortável perto de pessoas bissexuais	121	4	0	1	0	2
Todas as pessoas bissexuais têm alguma Infecção Sexualmente Transmissível (IST)	126	0	0	1	0	0
Pessoas bissexuais são viciadas em sexo.	121	4	1	1	0	0
Pessoas bissexuais me deixam em estado de nervosismo	124	2	1	0	0	0
Pessoas bissexuais são aceitáveis para mim	2	0	1	4	2	118
Não acho que pessoas bissexuais deveriam trabalhar com crianças	126	1	0	0	0	0
Eu faço comentários depreciativos sobre pessoas bissexuais	118	9	0	0	0	0
Pessoas bissexuais não deveriam casar	126	1	0	0	0	0

Não me importo se minhas (meus) amigas (os) são bissexuais	11	1	0	0	4	111
Pessoas bissexuais não conseguem ter um casamento monogâmico	122	4		1	0	0
Eu não me importaria de descobrir que uma pessoa próxima de mim é bissexual	5	0	0	1	1	120
Pessoas bissexuais são imorais	123	3	0	1	0	0
Eu provoço e faço piadas com pessoas bissexuais	113	11	2	1	0	0
Sinto que não se pode confiar em pessoas bissexuais	125	1	1	0	0	0
Tenho medo que pessoas bissexuais tentem me assediar sexualmente	121	2	1	2	0	1
Eu ficaria brava (o) se uma pessoa bissexual tentasse algum contato sexual comigo	116	4	3	2	1	1
Organizações (ONGs por exemplo) que promovem os	1	1	2	5	21	97

direitos dos bissexuais são necessárias						
Já danifiquei a propriedade de uma pessoa bissexual (como arranhar o carro deles com um prego)	127	0	0	0	0	0
Eu me sentiria confortável em ter uma pessoa bissexual como colega de quarto.	7	0	0	2	5	113
Eu socaria uma pessoa bissexual que desse em cima de mim	127	0	0	0	0	0
Pessoas bissexuais vão para o inferno	125	2	0	0	0	0
Eu evito pessoas bissexuais	123	4	0	0	0	0
Quando vejo uma pessoa bissexual penso “que desperdício”	122	1	0	0	1	0
Quando vejo uma pessoa bissexual penso “a pessoa está confusa”	119	5	3	0	0	0
Tenho relações conflituosas com pessoas que suspeito que sejam bissexuais.	124	3	0	0	0	0
Eu acho que pessoas bissexuais	122	5	0	0	0	0

querem fazer sexo com qualquer pessoa.						
Eu não acho que pessoas bissexuais podem controlar seus desejos sexuais.	116	1	2	1	2	5
Eu daria uma surra em uma pessoa que eu descobrisse ser bissexual.	127	0	0	0	0	0
Eu não tocaria em uma pessoa bissexual.	127	0	0	0	0	0
Eu já provoquei verbalmente uma pessoa bissexual.	117	5	4	0	1	0
Todas as pessoas com empregos no ramo do sexo são bissexuais	126	0	1	0	0	0
Espero que pessoas bissexuais peguem AIDS e morram	127	0	0	0	0	0
Você acha que existe preconceito contra pessoas bissexuais na comunidade LGBTI+?	35	1	3	7	24	57
